



# Recortes de Imprensa

Fevereiro 2015



COM O APOIO:





## APAV e DGS assinaram protocolo de colaboração

No passado dia 14 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinou um protocolo com a Direção-Geral da Saúde (DGS), com o objetivo de regulamentar a colaboração e cooperação direta e recíproca entre ambas as partes, visando a melhoria das condições de atendimento, informação, proteção, acompanhamento e apoio às vítimas de crime.

A colaboração entre a APAV e a DGS passará por áreas como a informação à vítima e encaminhamento, a formação, colaboração em ações e projetos na área do apoio à vítima, incluindo a realização de estudos e seminários, o apoio técnico comum, a partilha de informação relevante em matéria de apoio à vítima e a realização de campanhas comuns de sensibilização.

Assinaram João Lázaro, presidente APAV e Francisco George, diretor-geral da Saúde. \_\_\_\_\_





# Marido suspeito de assassinar mulher à facada

**Maria Pinheiro, mais conhecida por Mimi, de 53 anos de idade, foi assassinada**, brutalmente, com uma faca na sua própria casa, na madrugada desta quinta-feira. A PSP foi chamada ao local onde encontrou o marido a tentar o suicídio, mas sem sucesso. A investigação está a cargo da Polícia Judiciária.

POR ROGÉRIO MATOS

João Pinheiro, o marido da vítima e presumível homicida, ainda resistiu com alguma veemência à detenção, mas devido a escoriações acabou por ser transportado para o Hospital de São Bernardo, onde durante a tarde se encontrava estabilizado. Ao que tudo indica, este é um caso de violência doméstica com um final fatal para a funcionária da Câmara Municipal de Setúbal, que trabalhava na Casa da Baía, desde a sua abertura, mais precisamente na loja dos vinhos.

Cerca das 04h45, a PSP recebeu uma chamada a dar nota de um possível homicídio ocorrido no 2º andar do número 5 da Rua Engenheiro Henri Perron, no bairro de Vanicelos. De acordo com o comunicado elaborado pelo Comando da PSP de Setúbal, "foram enviados para o local de imediato os meios policiais disponíveis, que verificaram a veracidade da informação, deparando-se com a senhora prostrada no solo com sinais de violência e vestígios de sangue, tendo sido prestados os primeiros socorros por uma equipa do INEM que ocorreu ao local".

"A tentativa de reanimação foi infrutífera, malogrando-se a morte da senhora. Foi ainda possível, após mediação verbal com psicólogos do INEM, retirar uma arma branca ao suspeito. Os polícias, numa acção concertada com o INEM e num momento de fragilidade do suspeito, conseguiram retirar-lhe a faca e manietá-lo. Este ci-



A Mimi, como era conhecida, trabalhava na Casa da Baía

dadão apresentava diversos golpes de faca no corpo", prosseguiu a PSP.

O número cinco da Rua Engenheiro Henri Perron, adjacente ao Minipreço, foi palco daquele que se configura como o primeiro caso de morte num quadro de violência doméstica este ano, sem que a vizinhança pudesse adivinhar ou recolher qualquer indício prévio sobre o desfecho. Na manhã de ontem, junto ao prédio, populares e moradores questionavam-se sobre o sucedido, sendo que ninguém conseguiu referir à comunicação social qualquer situação menos saudável vivida entre o casal, como discussões ou brigas. "Tanto ele como ela eram muito pacatos e reservados", dizem alguns moradores, sem esconder a estupefacção sobre o sucedido. Nos cafés ao redor do local onde a tragédia ocorreu, a conversa não era outra e os comentários passavam sempre por este caminho: "Gente simpática, nunca pensámos que isto acontecesse".

No seu local de trabalho, a Casa da Baía, onde Mimi atendia os clientes, sem-

pre com uma boa disposição e alegria, apesar de ser muito reservada quanto à sua vida privada, a consternação era evidente e, tal como no seu bairro, ninguém conseguia prever uma situação destas. A loja dos vinhos esteve mesmo encerrada ao público.

O casamento de Maria e João Pinheiro resultou de um namoro da altura da juventude, no Liceu Bocage. Desta união, que durava desde Setembro de 1989, há quase 26 anos, resultaram dois filhos: Francisco e Carolina Pinheiro.

Maria Pinheiro, com nome de solteira Semedo, cresceu na Praceta da Primavera, numa vivenda hoje desabitada. Apelidada não de Mimi, mas de Mindinha, costumava frequentar com alguma assiduidade o café Primavera, onde a vizinhança a recorda como muito alegre, bem disposta e simpática, bem como a filha Carolina. O irmão de Maria Pinheiro, bem como a mãe e o pai, já faleceram, tendo o último partido há cerca de um ano, após viver algum tempo na casa da filha e do genro. "A Min-



A vítima e o alegado homicida moravam juntos num apartamento deste edifício, no bairro de Vanicelos

dinha vinha cá muitas vezes mas sempre sem o marido que, ao que parece, não se dava muito bem com o sogro", refere Vítor, um morador da Praceta da Primavera, sem esconder a decepção e tristeza pelo sucedido. Já os pais de João Pinheiro, o alegado homicida, são conhecidos por terem sido professores na cidade.

## APAV Setúbal recebeu 25 denúncias este mês

A Associação de Apoio à Vítima de Setúbal já recebeu 25 denúncias de violência durante os primeiros 20 dias deste mês. Sónia Reis, gestora do Gabinete da APAV de Setúbal, lamenta que as pessoas apenas procurem a associação em situações limite, de risco extremo. "Muitas vezes, por já viverem há muitos anos num ambiente de violência, as vítimas não têm noção do risco que correm".

A PSP confirma a existência de uma denúncia por violência doméstica, "no âmbito de um processo de divórcio, que foi avaliada nos termos do risco e de acordo com a vontade expressa pela senhora no

momento em que se deslocou às instalações policiais. Face ao baixo risco da situação, esta apenas ficou para acompanhamento e a vítima regressou, por vontade expressa da mesma, para a sua residência".

João Pinheiro pode vir a ser acusado de homicídio qualificado, caso se prove que o crime foi praticado em "circunstâncias que revelem especial censurabilidade ou perversidade". Uma destas circunstâncias revela-se "quando o agente pratica o facto contra o cônjuge". Porém, tal não implica que seja automaticamente qualifica-

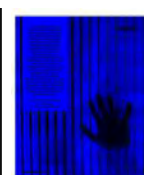
do, ainda têm que ser providos mais alguns requisitos técnicos em Tribunal para se concluir que houve mesmo especial censurabilidade ou perversidade. A moldura penal para o crime varia entre os 12 e 25 anos de prisão.

O suspeito pela morte de Maria Pinheiro pode ainda ser acusado por homicídio privilegiado, caso estivesse "dominado por compreensível emoção violenta, com paixão, desespero ou motivo de relevante valor social ou moral, que diminuam sensivelmente a sua culpa", ou mesmo pelo crime de violência doméstica, agravado pela morte da vítima.



Maria Pinheiro ao lado do marido, João Pinheiro





A violência doméstica é um monstro que não tem parado de crescer. Em nome de todas as mulheres assassinadas, lançámos um desafio a quatro autarcas de cidades em que esses crimes aconteceram.

Quisemos que se comprometessem com uma ideia: a de proporem que quatro vítimas pudessem ter o seu nome numa rua. Carla Tavares, Ricardo Rio, Carlos Carreiras e Almeida Henriques disseram sim em nome da Amadora, Braga, Cascais e Viseu. Disseram sim ao i e à defesa de uma ideia que une todas as pessoas de bem.

O nosso compromisso é consigo.

E com o jornalismo.

**Jornal i**







# Violência doméstica. A homenagem das câmaras

Quatro municípios aceitaram o desafio do *i* de dar o nome de uma vítima de violência doméstica a uma rua, como forma de homenagem a todas as vítimas de um crime que se repete de norte a sul do país. Da escolha da rua ao envolvimento das associações que trabalham nesta área, autarquias dão os primeiros passos para concretizar a iniciativa

## Braga está a fazer o levantamento das ruas disponíveis

Em 2014, Braga registou uma vítima mortal por violência doméstica e duas tentativas de homicídio. Fazendo as contas desde 2004, foram 14 as mulheres mortas por maridos ou namorados. Será uma delas a dar nome a uma rua em Braga. A autarquia está agora em contacto com a APAV para que sejam fornecidos os dados sobre as vítimas, e pedidas as devidas autorizações à família. Também já foi solicitada à divisão de toponímia da cidade a lista de ruas ainda sem nome. "Por questões burocráticas, será mais fácil atribuir o nome a um espaço novo do que mudar o nome actual de uma rua", explicou ao *i* Firmino Marques, responsável pelas políticas sociais da câmara de Braga. Entretanto, a cidade vai inaugurar um edifício que vai servir de apoio à reintegração na sociedade de vítimas de violência doméstica.

## Amadora. Um acto simbólico para avançar rapidamente

Prevenir, intervir junto dos agressores, atender e acompanhar as vítimas de violência doméstica: estes são os principais eixos do plano municipal da Amadora contra um crime que, no ano passado, causou uma vítima no concelho, além do registo de duas tentativas de homicídio. Para já, os serviços sociais da autarquia estão a recolher os dados para a homenagem a que Carla Tavares, presidente da edilidade, se associou. O município está também a verificar se há, neste momento, alguma rua disponível para que seja criado um novo topónimo na cidade – uma homenagem simbólica para avançar "o mais rápido possível", de acordo com fonte oficial da câmara, e que a Amadora pretende juntar ao trabalho efectivo, no terreno, de combate a um fenómeno que o município reconhece como "complexo".

## Viseu. Envolver as associações que trabalham no terreno

Em Viseu, a câmara iniciou contactos com associações locais que trabalham, no terreno, na prevenção e combate à violência doméstica. O objectivo passa por envolver estas associações na iniciativa, escolhendo em conjunto o nome que irá homenagear, na toponímia da cidade, todas as vítimas deste crime. Almeida Henriques, presidente da autarquia viseense, também já comunicou, em reunião do executivo camarário, a intenção de avançar com esta medida. Viseu será, aliás, já este mês, o palco do julgamento de um crime que, em Abril do ano passado, chocou o país. Depois de ter cortado a pulseira electrónica, Manuel Baltazar – ou Manuel "Palito", como ficou conhecido – matou a tiro a mãe e a tia da ex-companheira, alvejando também a ex-mulher e a própria filha. O julgamento terá início a 10 de Fevereiro.

## Cascais disponível para homenagear todas as vítimas

Cascais podia servir de exemplo positivo para o país, tendo em conta que 2014 foi um ano sem mortes por violência doméstica, não havendo também registos em 2011 e 2012. A autarquia está a aguardar que o tribunal liberte o nome de uma vítima anterior a esse ano. Segundo os registos da polícia, em 2010, uma mulher foi morta a tiro pelo marido, que se suicidou de seguida. No entanto, o nome da vítima nunca foi divulgado. O município mostrou abertura para adoptar o caso de outra cidade portuguesa como seu, passando a homenagem do particular para o geral. Assim, em vez de a rua ter o nome de uma vítima em específico, passaria a homenagear "o nome de todas as mulheres vítimas de violência doméstica", esclareceu fonte oficial da autarquia.



"A câmara de Braga felicita o *i* por esta iniciativa. A violência doméstica é um flagelo social que importa erradicar. Além das diversas acções que a autarquia tem levado a cabo, não podemos deixar de nos associar a outras iniciativas – como é o caso desta homenagem"

Ricardo Rio

PRESIDENTE DA CÂMARA DE BRAGA



"O município da Amadora está sensível ao fenómeno crescente da violência doméstica e tem procurado uma intervenção de proximidade com as vítimas. Contudo, por considerar que este apoio, por si só, não diminui este flagelo, estamos empenhados num trabalho de prevenção"

Carla Tavares

PRESIDENTE DA CÂMARA DA AMADORA



"Os testemunhos e os números de vítimas de violência doméstica são um retrato a negro da sociedade portuguesa. Em Viseu aderimos à ideia de homenagear as vítimas na toponímia de uma rua da cidade. Fazemo-lo no contexto de uma intervenção colectiva que nos comprometemos a aprofundar"

Almeida Henriques

PRESIDENTE DA CÂMARA DE VISEU



"Juntamente com os nossos parceiros, pusemos no terreno uma série de políticas de prevenção, apoio e sensibilização para que, em Cascais, o medo não tenha hipóteses. Para que, em Cascais, a dignidade vença. Para que, em Cascais, um dos mais cobardes dos crimes não tenha nunca mais lugar, em lugar nenhum"

Carlos Carreiras

PRESIDENTE DA CÂMARA DE CASCAIS





## Apoio à vítima

# A apoiar vítimas de violência doméstica desde 1996

O Gabinete de Apoio à Vítima de Setúbal tem apoiado, desde 1996, muitas vítimas do crime de violência doméstica e muitas destas pessoas têm hoje uma vida sem violência.

Apesar de prestarmos apoio a vítimas de qualquer tipo de crime, a maioria das pessoas que nos contactam são mulheres vítimas de violência doméstica.

Na maior parte dos casos que acompanhamos, a violência cometida contra a mulher já tomou proporções graves, com agressões físicas muito violentas e mesmo com ameaças de morte.

Estas mulheres não valorizaram, porque não sabiam que os maus-tratos a que foram sujeitas durante, por vezes, muitos anos, eram crime e não acreditaram que a situação poderia piorar e serem mesmo vítimas de homicídio. E porquê? Porque estão dominadas e controladas pelos seus agressores, que as culpabilizam pela situação, as afastam da família

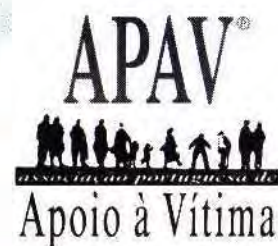
*Uma das ameaças utilizadas pelos agressores (...) é a ameaça de que os filhos lhes serão retirados, o que não é verdade.*

e dos amigos, as intimidam, as dominam economicamente, as ameaçam... e por tudo isto têm medo. É este medo que as bloqueia e lhes retira toda a energia para reagirem.

Porque este crime é cometido, normalmente, "entre quatro paredes" e as vítimas têm medo de que não acreditem nelas;

Porque uma das ameaças utilizadas pelos agressores, que as impede de terminarem com a relação violenta, é a ameaça de que os filhos lhes serão retirados, o que não é verdade;

Porque, ainda, acreditam que terminar um casamento é uma vergonha e que serão cul-



pabilizadas por isso;

Porque o agressor tem um comportamento social que é reconhecido por todos como exemplar;

Porque tentam encobrir a relação violenta de todos, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e familiares;

Porque se sentem isoladas e pensam que não têm alternativa;

É possível perceber agora, talvez um pouco melhor, porque algumas mulheres se mantêm numa relação apesar de serem maltratadas.

A violência doméstica não pode ser vista como um destino que a mulher tem que aceitar passivamente. O destino sobre a sua própria vida pertence-lhe, deve ser ela a decidi-lo, porque todos temos direito a uma vida sem violência.





**Radar**

**Violência doméstica  
volta a ser discutida  
no parlamento na  
próxima semana**

RODRIGO CABRITA

Portugal



## Violência doméstica. Maioria quer prazos mais curtos e vigilância permanente

**PSD e CDS avançam com proposta para acelerar a tomada de medidas de protecção imediatamente após a apresentação de uma queixa**

SUSETTE FRANCISCO  
[susete.francisco@ionline.pt](mailto:susete.francisco@ionline.pt)

Acelerar os prazos legais logo após a apresentação de uma queixa ou denúncia. Garantir que os agressores em casos de violência doméstica, quando condenados a pena suspensa, ficam sujeitos a vigilância e as vítimas beneficiam de medidas de protecção. Estas são as traves mestras do projecto de lei que PSD e CDS entregaram ontem na Assembleia da República e que vai ser discutido já na próxima quinta-feira. Uma iniciativa que surge depois do chumbo da maioria a um projecto do PS sobre o mesmo tema.

Uma das alterações pretendidas por PSD e CDS prende-se com

a aplicação de pena suspensa aos agressores. "Tendo em conta que há uma elevada percentagem de processos que culminam com a suspensão da execução da pena de prisão - foi o que ocorreu no ano de 2013 em 89% das condenações pelo crime de violência doméstica - propõe-se que o arguido esteja, durante o tempo de duração da suspensão, sob vigilância permanente dos serviços de reinserção social, cumprindo um plano de reinserção social", defende a maioria.

Na prática, trata-se de tornar obrigatório o que a actual lei estabelece como facultativo. Ou seja, o juiz passa a ter que decretar obrigatoriamente um regime de prova - que, de acordo com o Código Penal, "assenta

num plano de reinserção social, executado com vigilância e apoio dos serviços de reinserção social".

Passa também a ser obrigatória a definição de medidas de protecção da vítima. Para Teresa Anjinho, do CDS, trata-se de virar o foco da justiça do arguido para a vítima e "não só a vítima directa, mas também aqueles que muitas vezes são vítimas indirectas, como é o caso dos filhos", sublinha ao i.

**O MOMENTO APÓS A QUEIXA** Acelerar os prazos processuais logo após a apresentação de uma queixa ou denúncia de violência doméstica é outro dos objectivos apontados. "Entendemos que deve haver aqui uma especial preocupação", sublinha Francisca Almeida, que ontem apresentou também o documento, em nome dos sociais-democratas.

O projecto que vai a debate na próxima semana impõe que a suspeita deste crime, quando transmitida a um órgão de polícia criminal, seja imediatamente comunicada ao Ministério Público (MP), acompanhada de uma avaliação de risco da vítima (que já existe). Actualmente, a queixa ou denúncia pode ser transmitida ao MP num prazo máximo de dez dias.

Os magistrados judiciais têm então um prazo de 48 horas - outra novidade do projecto - para

interrogar o acusado. O que, para a maioria, permitirá "uma mais rápida ponderação das medidas de coacção a aplicar ao agressor e, sobretudo, determinará que, logo no início do processo, o Ministério Público adopte medidas de protecção da vítima e dos menores e outros dependentes a seu cargo". O projecto não mexe nas medidas de coacção que já estão previstas na lei e que vão da prisão preventiva ao afastamento do agressor da residência, cabendo a decisão a um juiz.

A questão da celeridade das medidas, logo após a apresentação de uma queixa por violência doméstica, tem sido uma das principais reivindicações das associações que trabalham com vítimas deste crime. É o caso, por exemplo, da APAV, que já sugeriu num parecer enviado à Assembleia da República, que os órgãos de polícia criminal possam emitir uma ordem de afastamento imediato do agressor, seja o afastamento da residência ou a proibição de contactos sob qualquer forma. No mês passado a questão já esteve em discussão no parlamento, com um projecto do PS que previa o afastamento de um arguido da sua casa logo na fase de inquérito - uma proposta que foi chumbada pela maioria PSD/CDS, com o argumento de que era "redundante".

**Queixa de violência  
doméstica tem que  
ser imediatamente  
comunicada ao  
Ministério Público**

**Magistrados têm  
48 horas para ouvir  
o arguido e propor  
medidas de  
protecção**





# “A violência doméstica é uma questão cultural mas pelo facto de ser cultural não é normal”

*Helena Pestana, Presidente da Associação “Presença Feminina”*

**“Uma mulher de 52 anos foi morta esta madrugada em Setúbal num quadro de violência doméstica, segundo fonte policial. O marido é o suspeito do crime que se traduz no primeiro homicídio conjugal do país deste ano, depois dos 42 de 2014, segundo o Observatório da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR)”. A notícia que atrás se refere foi publicada num jornal nacional, bem recentemente, mais exatamente em janeiro de 2015, e dá conta de mais um caso que engrossa as estatísticas nacionais no que a violência doméstica diz respeito. O número de vítimas dos crimes de violência doméstica que recorreram aos serviços da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima aumentou mais de 30% nos últimos 14 anos, totalizando 90.973 casos. Na Madeira, a violência doméstica está a crescer e representa já 15% dos**

**crimes. A violência doméstica é um fenómeno de longa data mas que só recentemente se tornou um problema social, até porque há atualmente uma maior sensibilidade e intolerância social face à violência. Este fenómeno é também mais valorizado devido à existência de organizações não-governamentais, como a associação Presença Feminina, que têm feito uma maior divulgação desta problemática que atinge todos os estratos sociais. Helena Pestana é a atual presidente da direção da associação que presta apoio às vítimas de violência, desde 1995, ano da sua fundação. A realidade da violência doméstica na Madeira pela voz da dinâmica dirigente da “Presença Feminina” que nasceu na Guiné Bissau e é professora dedicada à causa da violência doméstica em particular, e à causa da defesa dos direitos da Mulher, em geral.**

DULCINA BRANCO

**T**ribuna da Madeira (TM) – que é a associação “Presença Feminina” e que trabalho desenvolve, em concreto?

**Helena Pestana (HP)** - A “Presença Feminina” é uma ONG (organização não governamental) de apoio às vítimas de violência, e seus filhos. Dado os inúmeros pedidos de ajuda nos últimos anos de mulheres vítimas de violência, temos estado muito voltados para essa vertente que é o apoio às mulheres vítimas de violência e aos seus filhos. Possuí ainda a valência de acolher as mulheres vítimas de maus tratos e os seus filhos na Casa de Abrigo. O nosso trabalho de fundo tem a ver com o apoio às pessoas vítimas de violência doméstica, através do Núcleo de Atendimento sedado no bairro de Santo Amaro. Quando digo pessoas, quero com isto dizer que apoiamos mulheres e homens também que são vítimas de violência domé-

stica, embora estejamos mais vocacionados para o trabalho com as mulheres. Estamos vocacionados para o trabalho com as mulheres porque de base nos nossos estatutos assumimos que somos uma associação maioritariamente de apoio às mulheres. Este apoio às mulheres ultrapassa a área da violência doméstica, no sentido de que desenvolvemos ações vocacionadas para as áreas da Educação, Formação, Informação e Dignificação da mulher. O facto de uma vítima chegar aqui, entrar em contacto conosco por mail ou telefone, e pedir ajuda, é um passo de gigante dentro do seu problema e dentro do que é o trauma da violência doméstica. Neste trabalho e desenvolvimento das nossas atividades, é imprescindível o trabalho de técnicos competentes, nomeadamente uma Assistente Social, uma Psicóloga e um Jurista. Apoio Social, Apoio Psicológico e Apoio Jurídico são os três serviços centrais no trabalho que desenvolvemos. No universo de mais

de 150 pessoas que atendemos em 2014, vítimas de violência doméstica, tivemos 3 homens. À parte a violência doméstica, damos apoio em termos de ajuda alimentar. Diariamente, vêm sete, oito, dez famílias por dia que vêm buscar alimentos. Temos mais de 150 famílias inscritas no apoio social. No último levantamento de novembro, tínhamos 148 pessoas inscritas para apoio social. Destas, 48 são de violência doméstica e 100 de apoio social. Isto significa que temos outra dimensão para além da violência doméstica. Há quem peça dinheiro mas nós não podemos dar dinheiro. O que fazemos consoante cada caso, há coisas comuns, e tendo em conta que fazemos parte do grupo de instituições que são apoiadas pelo Banco Alimentar Contra a Fome, neste seguimento, todos os dias vamos ao Banco Alimentar buscar pão, fruta, legumes e outros bens, dentro daquilo que o Banco Alimentar tem disponível no momento. Este trabalho é normalmen-

te feito por mim, na carreira da Associação que é conduzido pelo nosso motorista ou na impossibilidade deste se deslocar, eu levo o meu carro particular e vou buscar a ajuda ao Banco Alimentar num trabalho este que é diário. Sabemos quais são as famílias que diariamente vêm buscar a ajuda aqui ao Núcleo e se chega uma nova família, se tivermos a capacidade para ajudar, juntamo-la à lista. O risco que corremos é que não recebemos todos os dias a mesma quantidade de alimentos mas o que o Banco Alimentar tem disponível, ou seja, pode vir um saco de pão como pode vir 3, 4 pães, até porque o Banco Alimentar tem muitas e outras instituições a pedir ajuda. Recebemos mensalmente os ditos alimentos secos (massa, arroz, etc.) e com isso é que nós fazemos os cabazes, consoante os alimentos que nos chegam. No Natal, tivemos apenas cerca de 40 cabazes e foi um drama porque tínhamos mais de cem famílias inscritas a pedir esta ajuda.

Isto implica termos à priori um trabalho de preparação no sentido de ver quais são os casos prioritários. Neste caso, são as vítimas de violência doméstica. Quando não podemos apoiar, encaminhamos para outros serviços ou instituições, neste caso a Cáritas, as Misericórdias, as juntas de freguesia, etc. O nosso trabalho com a Cáritas é muito nesse sentido. Temos também uma área de projeto e de trabalho com comunidades africanas, por exemplo. Em janeiro, começamos com o Dia da Mulher da Guiné Bissau que é o primeiro evento das mulheres africanas da CPLP este ano. Isto tem a ver também com o facto de eu ter nascido na Guiné Bissau daí este meu amor profundo por África. Desde 2008 que lançamos o projeto “Muitos Povos, Uma Só Raça” em que fazemos eventos em restaurantes porque não temos um espaço nosso equipado. **TM – Qual o perfil das pessoas, ou famílias, que recorre à Presença Feminina e com que objetivo?**





ID: 57827662

06-02-2015

**HP** - Todos os dias temos seis a sete pessoas a pedir ajuda, neste caso, apoio social. Temos referenciadas 48 a 50 mulheres no Núcleo de Atendimento, em grande parte vítimas de violência e que precisam de apoio social. A nossa prioridade são as vítimas de violência doméstica. Depois, temos as famílias e neste caso, muitas daqui do Bairro de Santo Amaro, entre pessoas ou famílias que vêm de outros concelhos, como Ponta Delgada, Porto da Cruz, Machico, de toda a ilha, que pedem alimentos ou outros bens. Outro dia fomos com a nossa carrinha levar um colchão para uma senhora vítima de violência que saiu de casa. Sobre sempre para a vítima ou para a mulher quando sai de casa, logo, é esta a nossa primeira prioridade, a vítima de violência doméstica. Temos famílias que viviam num ambiente equilibrado e que por força da crise e desemprego, vêm pedir ajuda. São pais e mães com filhos, outras famílias com pessoas idosas a seu cargo, para além dos netos. Temos

várias pessoas com mais de oitenta anos, casais. Quando estas pessoas, por motivo de doença, falta de dinheiro ou outro, não podem vir cá ao núcleo de atendimento, somos nós que levamos o cabaz alimentar à sua casa. Por dia são seis, sete, oito famílias que cá chegam. As outras famílias, sou eu que pego no meu carro e vou fazer a distribuição dos cabazes às famílias, em suas casas. Quando a nossa carrinha está disponível, é o nosso motorista que faz este trabalho. Quando ele não pode é porque pode estar ocupado a levar as nossas crianças que estão na Casa de Abrigo, à escola e as mulheres onde precisam de ir para os serviços de apoio. Levo cabazes alimentares para a Camacha porque também tenho o Bairro da Nogueira para gerir. Temos várias situações ao nível das famílias que pedem ajuda. As vítimas de violência são, e serão sempre, a nossa prioridade.

**TM – Qual é a realidade da violência doméstica na Madeira?**

**HP** - Neste momento, preocupa-nos muito os jovens em fase de namoro. A maioria das mulheres que nos preocupam têm acima dos 30 anos, 40, 50 anos - a nossa média - que têm um historial de violência de 10, 15 anos. Estamos a receber mulheres em idades mais novas o que é bom porque significa que as mulheres não estão deixando prolongar esta violência. Vamos às escolas e uma das mensagens que deixamos é esta: quem é vítima que não se deixe ficar nesta situação, e quem sabe de outros que são vítimas de violência, que denunciem ou ajudem de alguma forma no sentido de que daquela pessoa que está a ser vítima, procure ajuda ou apoio. O se manter na relação traz muitos prejuízos pessoais ao nível da saúde física e mental, e muito grave, vai passar esse problema ao filhos, se os tiver. Apos-tamos muito na prevenção e neste trabalho de informação, sensibilização que fazemos nas escolas porque contribui para tentar mudar este quadro da violência doméstica.

A solução passa pela prevenção e de falar nisto aos mais novos, nas escolas. O ano passado fizemos 25 ações de sensibilização em várias escolas. Temos uma lista de escolas já interessadas nas nossas ações para decorrer ao longo deste ano. É um trabalho que gosto muito de fazer porque sou professora e as ações de sensibilização são um trabalho que costumo dizer “estou na minha praia”. Há muito trabalho a fazer ao nível da prevenção, e a prevenção principalmente muito nas crianças e nos jovens, mas muito nos jovens nestes que estão adolescentes e que estão na fase do namoro, para que não caem no perpetuar da violência. Para este trabalho ser bem sucedido, tem que ser em rede e continuado, no sentido de que tem que envolver não só os jovens mas também as suas famílias em casa. É uma estatística real: uma em quatro raparigas está a ser vítima de violência no namoro. A violência doméstica é transversal a toda a sociedade, afeta todas as classes sociais e

registar-se também de mulher para homem. Atendemos homens no nosso Núcleo de Atendimento.

**TM – Que apoios é que conta a sua associação e quais são as vossas maiores dificuldades?**

**HP** - Recebemos uma verba mensal da Segurança Social para a Casa de Abrigo, entre outros apoios. Estes não são suficientes porque todos os dias há pessoas a pedirem ajuda no nosso Núcleo de Atendimento. Até ao momento, o espaço físico foi a nossa principal dificuldade. A mudança de instalações para este espaço situado no Bairro de Santo Amaro é muito bonito mas fez aumentar as nossas despesas em relação a despesas correntes (água, luz, telefone) e a coisas que nós queremos imprimir, nomeadamente novos projetos. Estávamos numa sala pequenina e agora, que estamos num local maior, as despesas são maiores. Há espaços aqui que para implementarmos outros serviços e outros apoios e valências que queremos dinamizar, como um espaço que temos e queremos equipar para ser uma cozinha. Uma cozinha é importante porque todos os dias temos pessoas a pedir ajuda alimentar, todos os meses damos cabazes e gostaríamos que as pessoas aprendessem a poupar quando estão a cozinhar. Ensinar a poupar e a gerir a alimentação é uma formação que gostaríamos de implementar às famílias que damos apoio. Outra dificuldade são os estágios profissionais dos técnicos, como a Assistente Social ou um Psicólogo, o que até aqui era gratuito e que agora têm que ser suportados por nós. O Instituto paga a Bolsa e a Instituição tem que pagar subsídio de alimentação, deslocação dos estagiários, etc. Com isto, temos imensas dificuldades porque não temos garantia de Assistente Social nem de Psicólogo, técnicos estes que são fundamentais no nosso serviço de atendimento. Estamos estrangulados porque chegam-nos todos os dias pedidos de ajuda. Assumimos apoio social e das famílias que nos chegam todos os dias, estamos a assumir outro trabalho para além do trabalho normal que tínhamos.

**TM – A vossa “Casa de Abrigo” é uma área essencial deste vosso trabalho. Fale-nos deste espaço.**

**HP** - A Madeira tem três casas de abrigo, uma que é gerida por nós e as restantes por outras instituições. A nossa Casa de Abrigo é a mais







ID: 57827662

06-02-2015

pequena destas três existentes. Tem disponíveis três quartos que acolhe mulheres na sua maioria com filhos. São mulheres que chegam com três, quatro, cinco crianças, já tivemos isso. Muitas vezes estas mulheres chegam sem nada. Raramente temos mulheres sem filhos. A casa de abrigo é um espaço que está sob sigilo e cuja localização é confidencial. A mulher é encaminhada para a Casa de Abrigo a partir deste Núcleo de Atendimento. São mulheres que vêm aqui diretamente ou então são encaminhadas muitas das vezes, pela Segurança Social e outras ocasiões, das linhas de Emergência, o 144 e o 112. Toda a correspondência vem para cá e as pessoas que trabalham na Casa são também sigilosas. Temos só lá mulheres com filhos, estes até aos 18 anos (rapazes e raparigas) que podem ficar lá. A Casa de Abrigo é uma solução de última instância, queríamos muito que não existisse e que houvesse condições para que, quem é vítima, não tenha que sair de casa. A vítima é que sai de casa, os filhos saem de casa com a mãe. É o mais grave que pode acontecer quando a vítima tem que ser encaminhada para este tipo de apoio porque significa que o problema atingiu o nível mais elevado de gravidade.

**TM - É um drama esta situação da vítima (mulher) que sai de casa, muitas vezes com os filhos. Como é que lida com estas situações?**

**HP** - Algumas mulheres saem de casa apenas com a roupa que têm vestida, com os filhos pequeninos pela mão. A vítima entra em contacto conosco e elaboramos aquilo a que chamamos de Plano de Saída. Em primeiro lugar, alertamos para que, quando sair, traga os seus documentos pessoais e dos seus filhos. É fundamental trazer os documentos. O documento é algo pessoal de muito valor. Depois da sua saída, vamos à sua casa nos dias a seguir à saída, com o suporte e acompanhamento policial, buscar os documentos se não os tiver consigo aquando da saída de casa. Entramos na residência nunca com facilidade. Para mim, pessoalmente, é um drama imenso, ir à casa das pessoas e assistir a um verdadeiro horror. Sentimos uma dor profunda quando entramos na casa da vítima em que, muitas vezes, é arrancar das entranhas as crianças do seu meio, da sua casa, ter que deixar tudo para trás. Das mais de cem mulheres que já pas-

saram na nossa Casa de Abrigo, muitas vezes quando nós vamos a casa da vítima, tiramos o mínimo de bens, como roupa e documentos. Quando regressamos à casa da família, dois a três dias depois, aquela casa está irreconhecível. Está tudo virado do avesso, partido e rebentado pelo agressor, as flores do quintal arrancadas dos vasos, como eu própria já testemunhei. Como um caso em que era a mulher que cuidava das galinhas, dos coelhos nessa casa, quando lá voltamos, estava tudo morto, coelhos pequeninos mortos, as galinhas mortas, porco morto. Dois cães num terraço a morrer à fome, completamente desidratados, foi o estado em que encontramos a casa de uma vítima de violência doméstica, provocado pelo agressor. É isto o que revolta muito as vítimas de violência doméstica, ou seja, ter que deixar o seu lar. Isto implica levar os filhos para longe do ambiente que tinham, em que perdem toda essa ligação e fica o agressor na casa, a destruir.

**TM - É a vítima que sai de casa e não o agressor. Isto não tem que ser alterado?**

**HP** - Sim. As casas de Abrigo dão alguma segurança mas é uma segurança relativa porque a mulher fica, de certa forma, "aprisionada". Nós só estamos a remediar, não estamos a resolver nada porque quando o homem tem a intenção de matar a mulher, mata mesmo. A parte legal, dos tribunais, falha nestes processos porque é muito moroso. São as burocracias e tudo leva muito tempo. É importante o apoio que agora há que é, independentemente da decisão do tribunal em relação ao seu caso, podemos ajudar no processo de autonomização da pessoa e dos filhos. Esse tempo que as mulheres estão na Casa de Abrigo, a primeira instância é para a sua proteção, é sempre o objetivo primeiro o de retirar as pessoas de casa. Evidente que, não é esta a medida correta porque a vítima é quem sai e fica o agressor e isto está errado, o correto seria que a mulher se mantivesse na sua residência e o agressor saía mas para isso tinha de haver essa confiança da segurança que muitas vezes não há. Note-se que, há acompanhamento para a vítima mas não há para o agressor. Acreditamos que deveria haver um acompanhamento técnico para quem agride, porque o agressor é um doente. Quem agride a pessoa com quem vive é uma pessoa débil

e doente psicológica e mentalmente. A violência doméstica é uma questão cultural, é-o evidentemente, o ser educado numa família patriarcal e outras, mas o facto de ser cultural não é normal, então tem que haver um cuidado com o agressor/agressora. Quer seja mulher, quer seja homem, o agressor tem que ser visto como um doente. A solução está em sensibilizar no sentido de não deixar que as raparigas se deixem dominar e os rapazes a mesma coisa mas tem sido muito difícil passar a mensagem. Todos somos responsáveis por uma vítima de violência doméstica e quando sabemos que uma mulher ou homem, é vítima de violência doméstica, temos o dever de denunciar.

**TM - É nesta fase que entra o vosso trabalho de sensibilização nas escolas. Que reações têm tido por parte dos mais novos face a esta problemática que é a violência doméstica?**

**HP** - Há várias situações mas essencialmente, percebemos que os jovens têm as suas cabeças cheias de mitos em relação à violência doméstica, que carregam da realidade em casa. Uma das coisas que perguntamos sempre nas nossas ações é: quem é que namora aqui da sala? O namoro é o tempo mais importante da vida se a pessoa quiser avançar na relação no sentido de ser mais íntima ou séria e profunda. O namoro é a fase do conhecimento e é neste tempo que as pessoas têm que estar alertas para o que não está bem. Questionamos uma plateia acerca do ciúme. A ideia que eles têm é que para gostar e se preocupar, tem que haver ciúme na relação, o que está errado. O ciúme é um dos sinais de alerta de violência doméstica. As nossas estatísticas das vítimas de homicídio apontam que, em 2014, houve 43 mulheres mortas vítimas de violência doméstica, assassinadas à mão do agressor. O grande motivo foi o ciúme, a desconfiança e a perda de poder. Quando o homem percebe que a mulher conseguiu se libertar dele e conseguiu mudar a sua vida, ter uma nova relação, ele não consegue aceitar isso e mata-a. O controlo é outra questão para que chamamos a atenção. É um sinal de alerta de que a relação não está a ir no caminho certo. Os sinais estão lá todos, na relação de namoro. Outra situação que está provada é que, ao nível da violência psicológica, as raparigas já estão a ultrapassar os rapazes.

Elas é que dominam e controlam na relação. Estamos a ter raparigas que ultrapassam os rapazes neste tipo de controlo psicológico. Outro mito que permanece na cabeça dos jovens é que quem permanece na relação é porque quer. Errado. Dependência financeira do agressor, por exemplo. Não é porque a pessoa quer. Não podemos acusar nem criminalizar quem é vítima de violência doméstica, é outra das ideias. Entre jovens existe outra coisa grave que é a violência sexual. As raparigas não se apercebem disto, muitas vezes. Há um trabalho algo superficial de sensibilização realizado pelo Instituto de Inserção Social mas que é insuficiente. Temos conseguido alguma mudança. Há um trabalho profundo de rede que tem que ser continua-

do. Dentro do Plano Regional Contra a Violência Doméstica, temos 14 grandes parceiros, nomeadamente todas as escolas, tribunais, Segurança Social. Há uma contestação, porque há pessoas que não aceitam que se invista neste trabalho de mediação com as vítimas de violência doméstica. Ao nível do trabalho de prevenção, pode-se fazer isso, ou seja, antes das coisas estarem num extremo em que já não haja saída, podemos apostar na Mediação. Através da Mediação, consegue-se, e temos conseguido porque há casos com sucesso nas nossas utentes, mas disto depende sempre das decisões dos tribunais. Os tribunais é que têm que ser mais céleres e a Lei tem que estar feita de forma a que as coisas se resolvam a bem. ●







## Secundária Carlos Amarante debate violência doméstica

A Escola Secundária Carlos Amarante promove, na próxima terça-feira, dia 10 de fevereiro, a partir das 10h00, no auditório do estabelecimento de ensino, uma palestra sobre violência doméstica, dirigida a alunos do 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade.

Esta palestra será proferida por duas técnicas da APAV de Braga, Adélia Meireles e Dircelena Martins, pelo agente da PSP, Fernando Gonçalves e pelo psicólogo José Luís Gomes.





A 10 de Fevereiro

## Palestra sobre violência doméstica na ESCA

No próximo dia 10 de Fevereiro vai decorrer uma palestra sobre 'Violência Doméstica', no auditório de Escola Secundária Carlos Amarante (ESCA).

A sessão está agendada para as 10 horas e é dirigida a

alunos do 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade.

Esta palestra será proferida por duas técnicas da APAV de Braga, Adélia Meireles e Dircelena Martins; um agente da PSP, Fernando Gonçalves, e pelo psicólogo José Luís Gomes.





Autarca Ricardo Rio vai também avançar com a criação de um centro de acolhimento para vítimas

HUGO DELGADO LUSA

## Unidos contra a violência doméstica. Adélia Ribeiro dá nome a rua em Braga

Quinze dias bastaram para a Câmara Municipal de Braga se solidarizar num passo inédito contra a violência doméstica. Município vai também criar centro de acolhimento

MARTA F. REIS  
marta.reis@ionline.pt

Adélia Ribeiro ainda lutou durante mais de um mês mas não sobreviveu às queimaduras em quase metade do corpo. Tinha 50 anos e no dia 18 de Agosto viu o marido regá-la com álcool e atear o fogo. As agressões sistemáticas estavam sinalizadas junto da PSP mas naquela segunda-feira, quando chegou o socorro, já pouco havia a fazer. Agora, num gesto inédito da Câmara Municipal de Braga, de onde era natural, o seu nome vai ser lembrado numa artéria na União de Freguesias de Este (S. Pedro e S. Mamede).

Em pouco mais de 15 dias e depois de o ter lançado o repto a vários autarcas, a homenagem foi aprovada ontem numa reunião do executivo municipal. O presidente da câmara Ricardo Rio comprometeu-se desde a primeira hora com a ini-

ciativa, considerando a violência doméstica um flagelo social a erradicar. Ontem, disse estar em causa um coroar de várias iniciativas levadas a cabo pelo município nos últimos tempos, que passaram por um reforço da parceria com a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - para uma maior sensibilização e apoio

4

Em Janeiro três mulheres foram mortas pelos maridos e uma pelo ex-companheiro. São tantos casos como no início do ano passado, que atestam a necessidade de novas formas de combater um flagelo que não escolhe idades, classes e geografias

na resposta imediata para as vítimas. E além da homenagem pública, brevemente será disponibilizado um centro de acolhimento para vítimas de violência doméstica, que será instalado num edifício da Empresa Municipal BragaHabit.

No ano passado houve outras duas tentativas de homicídio em Braga em contexto de violência doméstica e na última década há registo de 13 casos fatais. "É uma forma de alertar a sociedade para um problema que urge erradicar de uma vez por todas e, também, de criar um compromisso para dar respostas mais adequadas no apoio às vítimas", disse Rio.

Além de Braga também os municípios da Amadora, Viseu e Cascais responderam ao desafio do i e vão homenagear as suas vítimas de violência doméstica. Esta semana, está nas mãos dos deputados reforçar a resposta nacional a estas mulheres. O parlamento debate na quinta-feira projectos de lei da maioria e do Bloco para maior protecção às vítimas e um tratamento mais ágil das queixas. Mudanças necessárias para combater um fenómeno que só será erradicado quando for um problema de todos.

No ano passado o Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAP - União de Mulheres Alternativa e Resposta registou 43 femicídios, dos quais 35 cometidos por companheiros actuais ou do passado. Adélia Ribeiro foi uma das vítimas, mas este é um flagelo que não escolhe classes sociais, idades e geografias. E que continua. Em Janeiro registaram-se quatro casos, tantos como no ano passado. Maria Pinheiro, de 52 anos, foi morta pelo marido em Setúbal. Judite Fernandes, de 84 anos, foi estrangulada mortalmente também pelo marido, em Mem Martins. Isabel Figueiredo, de 60 anos, foi assinada a tiro pelo ex-marido em Lamego. Maria Leonor Sousa, de 67 anos, morreu às mãos do marido em Mancelos, concelho de Amarante.

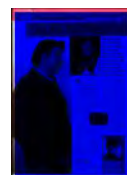
### A HOMENAGEM DAS OUTRAS CÂMARAS

**Amadora** Os serviços sociais da autarquia liderada por Carla Tavares estão neste momento a avaliar quais as ruas que podem vir a receber a toponímia com o nome de uma vítima de violência doméstica de 2014. Prevenir, intervir junto dos agressores, atender e acompanhar as vítimas de violência doméstica são os principais eixos do plano municipal da Amadora contra um crime que, no ano passado, causou uma vítima no concelho, além de duas tentativas de homicídio

**Viseu** A câmara de Viseu quis envolver as associações locais neste desafio lançado pelo i. Juntas vão escolher o nome que irá homenagear, na toponímia da cidade, todas as vítimas deste crime. Almeida Henriques, presidente da autarquia viseense, também já comunicou, em reunião do executivo camarário, a intenção de avançar com esta medida. Em Viseu, aliás, começa hoje o julgamento de um crime que, em Abril do ano passado, chocou o país. Depois de ter cortado a pulseira electrónica, Manuel Baltazar - ou Manuel "Palito", como ficou conhecido - matou a tiro a mãe e a tia da ex-companheira, alvejando também a ex-mulher e a própria filha.

**Cascais** O ano de 2014 passou sem mortes por violência doméstica, algo que também aconteceu em 2012 e 2011. A câmara municipal solicitou ao tribunal que divulgue a identidade de uma vítima de 2010 para conseguir responder ao desafio do i. Mas o município também mostrou abertura para adoptar o caso de outra cidade portuguesa como seu, passando a homenagem do particular para o geral.

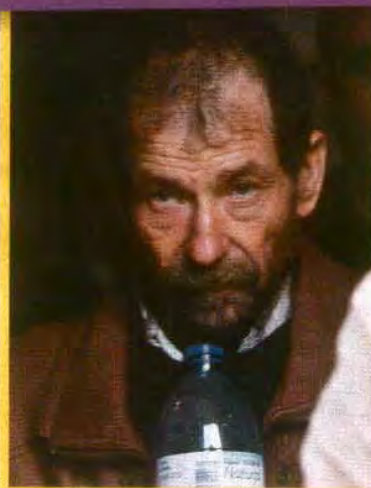




atual

MULHER DE MANUEL "PALITO" ainda sofre com o crime

# "ELAS MORRERAM



**Vítima da ira do ex-companheiro, Angelina acredita que será feita justiça, mas nada voltará a ser como era. Perdeu a mãe e a tia num ato de loucura do ex-marido, que nunca aceitou o divórcio**

O dia 17 de abril de 2014 fica marcado na vida de **Angelina Santos**, 53 anos, pelo trágico crime levado a cabo por **Manuel Baltazar**, 62, seu ex-marido. "Palito", como é tratado na localidade onde aconteceu a tragédia, ceifou a vida à mãe e tia da ex-companheira e feriu-a com gravidade. Angelina era o alvo principal da ira do caçador. Sónia, a filha mais velha do ex-casal, também foi atingida com um tiro de caçadeira nas costas. Depois dos crimes, andou 34 dias a monte, mas acabou por entregar-se às autoridades, ao regressar a casa. Desde o dia 21 de maio está detido em Vila Real. O julgamento começou no dia 10 de fevereiro, no tribunal de Viseu.

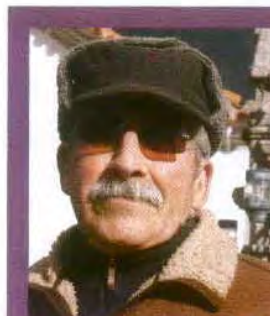
**Indefesas, as mulheres foram surpreendidas por "Palito"**

Na véspera da primeira sessão, Angelina recebeu a **tvmais** em sua casa. Visivelmente debilitada, física e psicologicamente, a vítima remete-se ao silêncio e aguarda pelo final do julgamento, que tem a última sessão agendada para 23 de fevereiro.

**"Ele matava toda a gente"**

Na tarde de quinta-feira Santa, Angelina estava com a filha, a mãe e a tia a fazer os preparativos para a Páscoa. As quatro mulheres foram surpreendidas

por "Palito", que desde 2009, altura em que Angelina decidiu separar-se, a perseguia e jurava vingar o fim do seu casamento de quase 29 anos. Manuel Baltazar atirou primeiro em Elisa (a tia), que perdeu a vida no local, depois foi Angelina que foi baleada na perna. A terceira vítima foi Lina (a mãe), que também não resistiu ao ataque, Sónia tentou travar o pai, mas acabou por ser atingida com um tiro nas costas. Para Angelina, o fim do pesadelo só agora vai começar. Manuel foi, como refere um vizinho, "um mau marido, mau pai, mau irmão e mau amigo" para quem vivia com ele debaixo do mesmo teto.



**"Quem dispara contra a própria filha não tem perdão!", Alberto Campos, vizinho de Angelina, não encontra justificação para o crime**



# POR MINHA CAUSA"



António Barros não esquece o dia em que perdeu a mulher, Elisa. "Espero que ele ["Palito"] morra na prisão", diz



As vítimas mortais foram sepultadas no cemitério de Valongo dos Azeites

Ela casou-se por amor, contra a vontade dos pais, e nas primeiras semanas depois do enlace teve noção de que a vida conjugal não ia ser fácil, pois esteve sempre sob um clima de terrorismo psicológico. Além de criar e educar os seus dois filhos, ficou ainda responsável por três irmãos do marido. Tratava da casa, dos animais e do trabalho no campo. A decisão de terminar a relação chegou no dia em que todos os que estavam a seu cargo ficaram encaminhados e saíram de casa. O seu dever ali estava cumprido. Fugiu para Lamego, e foi ajudada e aconselhada pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), depois foi viver para junto da mãe, na freguesia vizinha, mas sempre em clima de terror. Após

constantes ameaças, "Palito" passou das palavras aos atos. Eurico Silva, primo de Lina, estava perto do local quando tudo aconteceu: "Ele estava perdido naquele dia, matava toda a gente que lhe fizesse frente. A minha filha quis ajudar a prima, eu é que a agarrei, senão também era baleada". Em Valongo dos Azeites, os vizinhos de Angelina não encontram justificação para este desfecho trágico: "Um homem que dispara sobre a própria filha não tem perdão. Isto foi um ato de loucura", lamenta Alberto Campos.

## O "monstro" tem amigos

Em Trevões, onde o homicida vivia, continuam a existir pessoas que lhe dão apoio, apesar de condenarem o ato. Manuel Ramos visita regularmente "Palito" em Vila Real, onde está detido. "Vai ter sempre a porta de minha casa aberta. Tem de ser punido pelo que fez, mas não tenho nada a apontar-lhe, é meu amigo. Hoje liguei-lhe para saber se precisa de alguma coisa para o julgamento." Manuel avança ainda que "Palito" está um homem diferente: "Toma 11 comprimidos por dia, e engordou muito, também devido aos problemas

**"Vai declarar-se culpado, claro! Está arrependido"**  
MANUEL RAMOS



As buscas para capturar Manuel Baltazar envolveram mais de 200 AGENTES DA GNR durante 34 dias

de saúde graves que tem no intestino, agora está o triplo daquilo que era". O amigo fala ainda dos remorsos que o atormentam. "Vai declarar-se culpado, claro! Arrependeu-se logo de tudo o que fez, e durante os 34 dias que andou a monte voltou aqui a casa muitas vezes, para saber da filha e vir buscar comida, mesmo com a polícia aí à porta. Disse sempre que se ia entregar, e foi o que fez."

## Uma culpa que não desaparece

António Barros, viúvo de Elisa, não esquece a fatídica tarde. "Ainda tentei socorrer a minha mulher, mas ela já estava morta. Naquele momento,

tive vontade de fazer justiça pelas próprias mãos, mas não podia." O ex-emigrante estava perto do local, mas de nada adiantou. "Fiquei sozinho... Agora é aguardar. Espero que ele morra na prisão, tirou-me a minha mulher. Vou assistir ao julgamento e tenho vontade de lhe chamar assassino e covarde. Disparou contra quatro mulheres...", desabafa António, que todos os dias vai ao sítio onde Elisa perdeu a vida. O viúvo revela ainda que Angelina vive atormentada e com um grande sentimento de culpa: "Quando fala comigo, está sempre a dizer: 'Elas morreram por minha causa, a tia morreu por minha causa'. É muito difícil para ela, sente um vazio, uma tristeza", conta António, emocionado, com as lágrimas nos olhos.



Eurico Silva é primo de uma das vítimas mortais e assistiu de perto aos crimes. "Ele estava perdido, matava quem lhe fizesse frente"





# Vítima de violência doméstica dá nome a rua

**CÂMARA MUNICIPAL** homenageia as vítimas de violência doméstica com a atribuição do nome de uma vítima a uma rua do concelho.



DR

**Proposta de Ricardo Rio foi aprovada na reunião de câmara da passada segunda-feira**

## CÂMARA

| Redacção |

A Câmara Municipal de Braga vai atribuir o nome de uma vítima de violência doméstica a uma rua de Braga. A proposta foi apresentada pelo presidente da câmara e aprovada, na última reunião do executivo municipal.

A bracarense Adélia Ribeiro foi, no ano transacto, vítima mortal de violência doméstica. O seu nome será agora perpetuado numa artéria localizada na União de Freguesias de Este (S. Pedro e S. Mamede).

Para Ricardo Rio, presidente da câmara, esta “é uma forma de alertar a sociedade para um problema que urge erradicar de uma vez por todas e, também, de criar um compromisso para dar respostas mais adequadas no apoio às vítimas”.

Como prova disso, o autarca anunciou que brevemente será disponibilizado um Centro de Acolhimento para vítimas de violência doméstica na Cidade de Braga, a ser implementado num edifício pertencente à BragaHabit.

Também as relações com a

APAV — Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, têm sido dinamizadas e intensificadas com a finalidade de serem desenvolvidas várias iniciativas de sensibilização e de apoio na resposta imediata para as vítimas de violência doméstica. Nesse sentido, para Ricardo Rio, a atribuição deste topónimo “é o coroar das várias iniciativas que têm sido levadas a cabo pelo Município de Braga e, como tal, não podíamos deixar de dar o nosso efectivo contributo contra esta forma de violência”, concluiu.





Dito Assim!

Joaquim Gouveia

# Branda moralidade

A notícia caiu triste e alarmante. Mimi acabara de tomar, mortalmente, vítima de violência doméstica. Familiares e amigos mostraram incredulidade e dor. Setúbal voltou a ensombrar-se pela tragédia. O país somou mais uma vítima ao extenso rol de mulheres assassinadas pelos companheiros. A isto juntou-se a sinistralidade rodoviária da qual resulta inusitado número de mortes. Junte-se, ainda, os óbitos ocorridos nas urgências hospitalares. O resultado é devastador. Parece que compramos uma guerra e nem sabemos a quem. São números que fazem pensar

e deveriam obrigar a uma profunda reflexão nacional.

Somos um país infelizmente pequeno, com um povo de brandos costumes e estamos em paz. Pelo que se vê dá a sensação que se morre mais agora que nos tempos da guerra em África. Afinal tudo fruto da cobardia e da incúria. Para onde caminhamos?

O ano ainda agora começou e as estatísticas para estes primeiros dias deixam antever um somatório, talvez ainda mais grave, da continuidade avassaladora da mortalidade no país. Todos os dias são esperados novos casos dramáticos nas páginas dos jornais e na abertura dos noticiários televisivos. Cenas desagradáveis de serem vistas, comentários sempre iguais e desoladores. E a culpa parece morrer solteira com as ví-

timas. Mas a grande questão é que continuamos a assobiar para o lado num faz de conta que não vê e nem sabes. Não há debate, não há reflexão, não há quem se ocupe de entender tais números.

Existem organismos para estudar estas situações mas nem esses parecem vocacionados para tal. Não se compreende que a PSP de Setúbal, tenha acompanhado a Mimi, a casa depois desta se ter deslocado à esquadra para denunciar o acto de violência a que tinha sido acoimetida horas antes. A polícia não está preparada para entender, nem tratar casos como este.

Perante a denúncia a primeira medida a tomar seria, penso eu, interrogar o prevaricador e proteger a queixosa. Não há entendimento entre organismos. A APAV, por exemplo deveria ter si-

do automaticamente contactada. Mas os agentes da PSP, de Setúbal preferiram, pelo que se percebe encaminhar a senhora ao seu próprio assassinato, de forma involuntária, claro. Mas não há que assacar responsabilidades à própria autoridade pelas facilidades? Será que a tolerância zero só se aplica nas estradas? Mas nem essa funciona.

Algo falhou e não é difícil perceber o que, na verdade, falhou. Falha todo o sistema político e judicial que tendo acabado com a prevenção em nome da intolerância abriu caminho à prevaricação avulsa e galopante. O que se perde é a própria confiança pelo que não será de estranhar que mais cedo ou mais tarde ninguém confie em ninguém.

Ao país dos brandos costumes juntou-se, também, de branda moralidade. **J.G.**





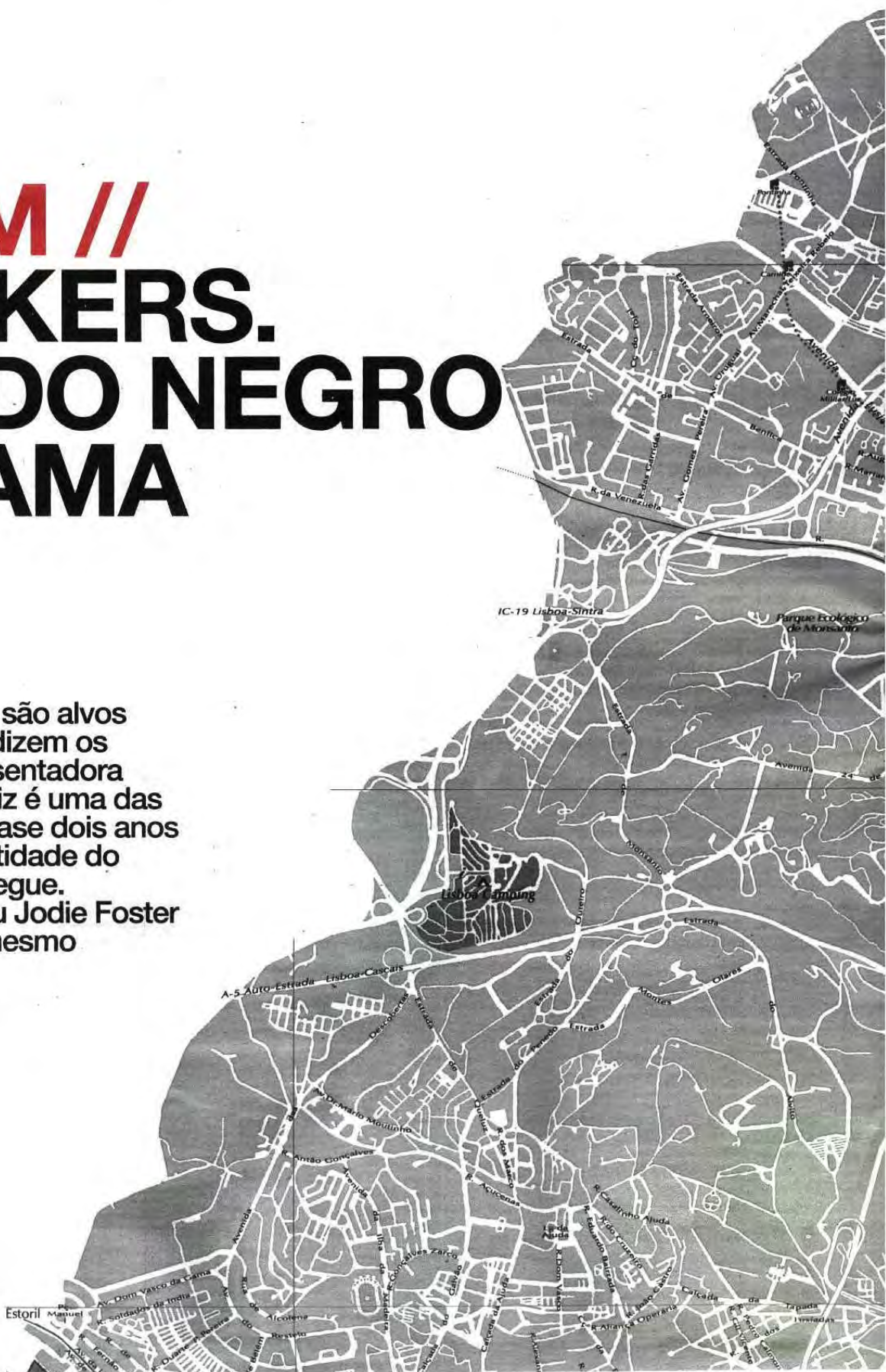
## Crime



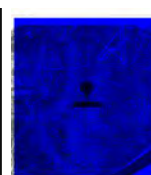
# ZOOM // STALKERS. O LADO NEGRO DA FAMA

**As figuras públicas são alvos fáceis de stalkers, dizem os psicólogos. A apresentadora Maria Botelho Moniz é uma das suas vítimas: há quase dois anos desconhece a identidade do homem que a persegue. Catarina Furtado ou Jodie Foster já passaram pelo mesmo**

TEXTOS *Marta Cerqueira*











## Em resumo

### O que é?

Stalking é uma forma de violência definida por actos de assédio persistente. A APAV fornece dados e sugestões para saber como agir nestes casos.

# 25%

Cerca de 25% das mulheres admitem já ter sofrido assédio persistente e 13,3% dos homens também já foram vítimas de stalking

### COMPORTAMENTOS

- Recolher informações sobre a vítima junto de amigos/familiares, no correio, na internet, no local de trabalho, na escola
- Enviar repetidamente cartas, emails, bilhetes, sms ou telefonar
- Tentar persistentemente aproximações físicas ou pedidos para encontros
- Deixar bilhetes ou flores junto do carro da vítima
- Ficar sentado à porta de casa da vítima, no seu local de trabalho ou na escola que frequenta
- Esperar a vítima junto ao seu carro no parque de estacionamento
- Espalhar rumores, dar falsas informações ou revelar segredos da vítima aos seus amigos ou família

### O que fazer?

**Evitar o confronto** Evitar contactar ou confrontar o perseguidor. Não responder a sms, cartas ou telefonemas

**Polícia** Informar familiares, amigos, colegas de trabalho e até a polícia

**Trabalho** Avisar os colegas de trabalho do que se passa para que não forneçam dados pessoais no caso de serem contactados pelo autor do assédio

**Segurança** Optar por caminhos alternativos e evitar andar sozinho na rua

# Stalking. Dos elogios às ameaças, numa perseguição sem limites

Maria Botelho Moniz é perseguida e ameaçada há três anos. Entrou com um processo em tribunal mas o stalker ainda não foi identificado. "Sinto-me estupidamente conformada", conta ao *i*

MARTA CERQUEIRA  
marta.cerqueira@ionline.pt

O "Curto Circuito" vive muito dos comentários feitos pelos telespectadores em directo durante o programa da SIC Radical. As duplas de apresentadores já se habituaram a ignorar alguns dos conteúdos menos próprios que surgem nos ecrãs do estúdio, como ameaças, insultos ou propostas sexuais. Havia no entanto um comentador assíduo que chamou a atenção de Maria Botelho Moniz pelas mensagens repetitivas dirigidas só a ela. Inicialmente não passavam de insultos como, por exemplo, "és feia" ou "não tens talento", mas depressa passaram a ameaças que se estenderam também à família: "Uma vez publiquei uma fotografia com a minha sobrinha e ele comentou a dizer que esta era a prova da pedofilia que eu praticava, aliado ao facto de apresentar um programa para público juvenil", recorda.

As mensagens, conta, passaram a ser às dezenas. Maria sentiu-se cada vez mais insegura e decidiu contactar a polícia. Entrou com um processo no Ministério Público no final de 2012, mas até agora a investigação não teve qualquer avanço, apesar de estar constantemente a actualizar o dossiê com as novas investidas do perseguidor. A identidade do stalker ainda é desconhecida, mas Maria Botelho Moniz desconfia tratar-se de um homem pelo teor das mensagens.

Entre os vários estratagemas que arranjou para se aproximar da apresentadora, um deles foi certo. Criou um perfil falso no Facebook, de Conceição Lino, e adicionou vários amigos de Maria Botelho Moniz: "Uma deles caiu na esparrela e deu-lhe o meu número de telefone." A partir daí acabou-se o sossego. "Chegou a ligar-me de três em três minutos durante duas horas seguidas." De cada vez que atendia, silêncio absoluto: "E eu contei histórias, pus música, perguntava coisas, mas nunca me respondeu."

Sem perceber o que se estava a passar, a única explicação que Maria obteve foi através de uma mensagem publicada nas redes sociais: o assédio acontecia simplesmente "por gozo pessoal". Actualmente o contacto é mais esporádico e a apresentadora sente-se, nas suas palavras, "estupidamente conformada", por achar que nunca vai acontecer nada ao homem que a persegue há três anos.

Nestes casos de stalking, as figuras mediáticas são alvos fáceis de perseguições, conta a psicóloga Tânia Paia: "Como parte das suas vidas é pública, o perseguidor começa a fantasiar possibilidades, acabando por acreditar que faz parte dessa realidade." O stalking é igualmente comum entre ex-namorados, principalmente em situações em que um deles não concorda com o fim da relação.

"Está provado que os perseguidores têm uma química cerebral diferente", explica a psicóloga. Dessa diferença faz parte a dificuldade em aceitar uma rejeição. "É frequente no fim de um relacionamento haver da parte de quem é rejeitado uma ou duas tentativas de reaproximação." Mas será também normal o afastamento, após o desinteresse da outra parte. Os stalkers, contudo, são incapazes de aceitar a rejeição, conta Tânia Paia. Além do descontrolo dos comportamentos, costumam ter também em comum características como o pensamento ruminante - que leva a actos repetitivos - e uma elevada auto-estima: "Um dos argumentos comuns a quem persegue é achar que a pessoa está melhor na sua companhia."

Ana Sousa, 29 anos, não está no grupo dos famosos nem das ex-namoradas, mas isso não a impediu de viver uma perseguição durante vários meses: "Comecei a receber chamadas com teor sexual de madrugada. Depois passou a ligar-me a qualquer hora, podiam chegar às dezenas de chamadas por dia." O perseguidor, que até hoje permanece desconhecido, dava a entender que estava observá-la em



várias situações do dia-a-dia.

O culminar desta perseguição deu-se na manhã em que entrou no carro e encontrou uma flor, a mesma que, por brincadeira, tinha arrancado e deitado ao chão momentos antes. "Contactei a polícia, que me aconselhou a marcar um encontro, para que ele fosse apanhado em flagrante." O perseguidor apercebeu-se do plano e não parou o carro no local combinado. Apesar de não ter servido para desmascarar o stalker, o episódio pôs fim a uma





**Maria Botelho Moniz nunca chegou a perceber a razão da perseguição. A única explicação que obteve do stalker foi através de uma mensagem publicada nas redes sociais: o assédio acontecia simplesmente "por gozo pessoal"**

ORLANDO ALMEIDA/GLOBAL IMAGENS

### Casos



#### Catarina Furtado

APRESENTADORA

Já teve dezenas de stalkers ao longo da sua carreira, com casos tão bizarros como o de um homem que acreditava ser

seu filho, até ao caso mais recente de um homem que se dizia pai dos seus filhos. Pelo caminho houve ainda um homem que a perseguiu durante cinco anos, aparecendo na sua rua e à porta do seu trabalho, ao mesmo tempo que enviava cartas, fotografias e presentes. Em todos os casos, a intervenção da polícia ou até do marido serviram para afugentar os perseguidores.



#### Jodie Foster

ACTRIZ

Fazer de prostituta em "Taxi Driver" valeu-lhe uma nomeação para um Óscar, mas também a perseguição

de um fã que, levando a sua admiração ao limite, baleou o presidente Ronald Regan, para impressionar a actriz, por quem estava apaixonado. Antes disso enviava cartas de amor e fazia telefonemas de forma persistente, além de ter planeado suicidar-se à sua frente para lhe chamar a atenção. John Hinckley Jr. está até hoje internado num hospital psiquiátrico.



#### John Lennon

CANTOR

O caso de John Lennon é talvez um dos mais trágicos no que diz respeito a perseguição de famosos.

Mark David Chapman, um fã obcecado pelas mensagens políticas da sua música, acabou por assassiná-lo à porta de casa. Mark esperou no local do crime até a polícia chegar. Nas mãos tinha o livro "The Catcher in the Rye" de J.D. Salinger, garantindo que o texto tinha uma clara mensagem que lhe dizia para matar o ex-Beatle. Foi condenado a prisão perpétua.

insistência que durou mais de dois meses. Maria e Ana cometeram um dos erros mais comuns entre as vítimas. "Nunca se deve responder às tentativas de contacto. A ausência de resposta e o tempo tendem a apaziguar sentimentos", explica Tânia Paías, acrescentando que, na mente de um stalker, "qualquer resposta pode ser interpretada como um sinal de aceitação".

Desde Setembro do ano passado que o stalking é crime em Portugal. PSD, CDS, PS e Bloco de Esquerda levaram a deba-

te projectos-lei que acabaram na criminalização da perseguição contínua, com penas que podem chegar aos três anos de prisão. A criminalização, que até ao ano passado só poderia ser punida se o agressor cometesse outro tipo de crime, como a agressão, por exemplo, surge como consequência da ratificação da Convenção de Istambul, em defesa da prevenção e do combate contra a violência de género, que entrou em vigor em Agosto de 2014.





# SESSÃO DE DEBATE

## “VIOLÊNCIA NOS AFECTOS”

**LOUROSA** Num momento “marcadamente influenciado pelas notícias de crescimento do número de casos de violência entre casais, nos mais variados contextos, importa realizar um debate esclarecedor sobre as causas e consequências deste flagelo, e como pode a sociedade e cada um de nós agir para o evitar”. Neste

sentido, realiza-se um debate, na sexta-feira, no auditório da Junta de Freguesia de Lourosa, pelas 21h00, denominado “Violência nos Afectos”. Os intervenientes são Joaquim Gomes (representante da Amnistia Internacional), Marta Faria (psicóloga clínica) e um representante da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.





## Apoio à vítima

# Violência Doméstica

**S**abe o que é o crime Violência Doméstica?

Caracteriza-se por um conjunto de comportamentos violentos utilizados num relacionamento, por uma das partes, sobretudo para controlar a outra.

A violência doméstica só acontece dentro de casa? Não. Pode acontecer também depois de uma separação. Humilhação, ofensas, insultos, intimidação, perseguição, ameaças, tanto na rua como no seu local de trabalho, também são crime.

Agora estão bem? Amanhã podem não estar. Pede desculpa? Vai deixar de pedir. Diz que vai mudar por si? Da próxima vez vai ser ainda pior. A tensão está a aumentar? Vai maltratar novamente. Os maus-tratos vão passar a ser mais frequentes, intensos e mais graves. Os seus filhos também vão sofrer e também são vítimas.

Costuma arranjar desculpas para as suas nódoas negras? Há marcas que não se disfarçam.

Precisa de mais do que um olho negro para perceber? Palavras não lhe bastam? As palavras podem ser muito mais graves que os murros ou os pontapés.

Controla, faz sentir-se inútil, força a atos sexuais, controla o seu dinheiro? A violência doméstica pode ser emocional, social, sexual, financeira.

**Acha que a culpa é sua? Não é.**

Ameaça tirar-lhe os filhos? É só uma ameaça.

Diz-lhe que se não for dele(a) não é de mais ninguém? Não é verdade!

Não a(o) deixa sair de casa? Tem direito à sua liberdade!

Se sentir que está em perigo, quebre o silêncio. Não tenha medo e fale. Fale connosco, fale com os seus familiares e amigos, recorra a



um Hospital ou Centro de Saúde e conte o que se passa ou passou. Não esconda a verdade.

A violência doméstica não escolhe sexo, idade, religião, cultura, etnia, orientação sexual, formação, estado civil, pessoas ricas ou pobres. Pode acontecer à sua frente, na porta ao seu lado, no café que frequenta e mesmo na sua casa. Se souber, fale.

Pode acontecer-lhe a si. Conheça os seus direitos. A APAV pode ajudá-la(o).

**Lembre-se que o seu silêncio facilita a continuação do crime de violência doméstica. Não se cale. A mudança também parte de si.**



APAV



Novo espaço com apoio da APAV

## PJ passa a dispor de “Espaço Vítima”

O Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em parceria com o departamento de investigação criminal local da Polícia Judiciária (PJ), contribuiu para a remodelação de uma sala existente nas instalações da PJ, convertendo-a no novo “Espaço Vítima”.

A criação deste novo espaço foi a forma encontrada para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime. Este foi preparado para atender vítimas de crime - crianças e jovens -, tendo por isso sido decorado com brinquedos e jogos, além de ter sido equipado com material informático necessário às inquirições. Segundo nota de imprensa, pretende-se que as vítimas, sobretudo crianças e jovens, que sofreram ou foram testemunhas de um crime, sejam acolhidas num local tranquilo e adequado, onde se sintam mais confortáveis. “Espaço Vítima” pretende também facilitar a expressão das vítimas, a nível verbal e comportamental, aquando da realização de depoimentos. A sala é o espaço escolhido, a partir deste mês, para acolher todas as declarações das vítimas e testemunhas de crime, cuja investigação esteja a cargo da PJ.

Recorde-se que o número de crimes envolvendo abuso sexual de crianças está a aumentar fortemente nos Açores, tendo atingido só em janeiro passado as quatro detenções, igualando o total de detenções anuais registado em 2011, 2012 e 2013. A prática deste tipo de crimes cresceu exponencialmente, na ordem das duas dezenas de detenções em 2014, mas com um ritmo de subida ainda mais forte findo apenas o primeiro mês de 2015. Ao que foi possível apurar, nunca se superaram as dez detenções anuais, entre 2007 e 2013. ♦ PF





## Espaço Vítima na Judiciária com apoio da APAV

O Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), em parceria com o Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada da Polícia Judiciária (PJ), colaborou na remodelação de uma sala existente nas instalações da PJ, convertendo-a no novo "Espaço Vítima".

A partir de amanhã, a sala será utilizada para a realização de todas as declarações das vítimas e testemunhas de crime, cuja a investigação esteja a cargo da PJ.

Este novo espaço foi preparado

para atender vítimas de crime, nomeadamente crianças e jovens, tendo por isso sido decorado com brinquedos e jogos, além de ter sido equipado com material informático necessário às inquirições.

Segundo nota de imprensa, a APAV pretende que as vítimas, sobretudo crianças e jovens, sejam acolhidas num "local tranquilo e adequado, onde se sintam mais confortáveis". O espaço facilita também "a sua expressão, tanto verbal como comportamental, aquando dos seus depoimentos". ♦ APF





# Violência financeira é a mais usada sobre os idosos



**Portugal** tem média de violência sobre idosos quase seis vezes maior que a UE

**UM ESTUDO** realizado entre 2011 e 2014 envolvendo instituições nacionais concluiu que, em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 podem ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigo/vizinho ou profissional remunerado.

Os dados foram revelados ontem, no Porto, por Maria de Oliveira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), numa conferência sobre violência doméstica, organizada pela Universidade de Portugalense.

A média nos outros países da União Europeia é de "21 a 22 em cada mil pessoas". "São dados alarmantes e que confirmaram os alertas que a APAV tem vindo a fazer há anos", disse Paula de Oliveira, referindo que o estudo foi feito através de chamadas telefónicas a 1123 pessoas.

De acordo com a técnica, chegou-se à conclusão de que existe uma maior prevalência da violência financeira e psicológica, seguida da física. Menos relatada neste inquérito foram a negligência e a violência sexual.

De acordo com o estudo, que envolveu a APAV, GNR, Instituto de Medicina Legal, Instituto de Segurança Social e o Instituto Ricardo Jorge, os fatores associados a este tipo de situações são a idade (depois dos 76 anos, a possibilidade de o idoso sofrer algum tipo de violência

cresce 10% a cada ano), a incapacidade funcional (a limitação para atividades diárias pode potenciar a ocorrência de uma situação de violência) e a reduzida escolaridade.

Uma outra vertente da investigação incidiu sobre as vítimas assistidas pelos serviços das instituições que desenvolveram o estudo, envolvendo 510 pessoas, 76,2% eram mulheres, a maioria com idades entre os 60 e os 69 anos, casadas, com escolaridade reduzida e com rendimento muito baixo.

## Violência física

Neste grupo, o tipo de violência mais relatada foi a física, seguida da psicológica e da financeira. Registaram-se vários casos que vivenciaram vários tipos de violência (bater, gritar, ameaçar, ignorar).

Paula de Oliveira apontou ainda dados da APAV para afirmar que entre 2000 e 2013, houve "um aumento de 149%" de processos de apoio a pessoas idosas vítimas de crime, o que "dá uma média de 15 por semana ou de 2,1 por dia".

A conferência sobre violência doméstica reuniu especialistas das áreas da Psicologia e do Direito e destinou-se a psicólogos, advogados, solicitadores, magistrados, conservadores, notários e juristas. Carlos Rodrigues, membro da coordenação científica do encontro, considerou que "vive-se hoje numa sociedade na qual as pessoas imprimem ritmos demasiado acelerados às suas vidas, em lógicas muitas vezes individualistas". ●

**Maioria** de mulheres assistidas por instituições, entre os 60 e os 69 anos, são vítimas de violência física





## Violência

### 123 em cada mil idosos em risco

#### PORTUGAL

Um estudo realizado entre 2011 e 2014 concluiu que, em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 podem ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigo/vizinho ou profissional remunerado. A média nos outros países da União Europeia é de 21 a 22 em cada mil pessoas.

#### RISCO

De acordo com o estudo, divulgado ontem pela APAV, os factores associados ao risco são a idade (depois dos 76 anos, a possibilidade de o idoso sofrer algum tipo de violência cresce 10% a cada ano), a incapacidade funcional (a limitação para actividades diárias pode potenciar a ocorrência de uma situação de violência) e a reduzida escolaridade.

#### TIPOS DE VIOLÊNCIA

O estudo foi feito através de perguntas feitas ao telefone, mas abrangeu também as vítimas assistidas pelos serviços das instituições que desenvolveram o estudo. Neste grupo, o tipo de violência mais relatada foi a física, seguida da psicológica e da financeira. Registaram-se vários casos que vivenciaram vários tipos de violência (bater, gritar, ameaçar, ignorar).

#### APAV

Dados da APAV referem que entre 2000 e 2013 houve um aumento de 149% de processos de apoio a idosos vítimas de crime, o que "dá uma média de 15 por semana ou de 2,1 por dia".





# 12,3% dos seniores sujeitos a algum tipo de violência

**Estudo** Associação Portuguesa de Apoio à Vítima alerta para dados que considera “alarmantes”

Um estudo realizado entre 2011 e 2014 envolvendo instituições nacionais concluiu que, em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 podem ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigo/ vizinho ou profissional remunerado.

Os dados foram revelados ontem, no Porto, por Maria de Oliveira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), numa conferência sobre “Violência doméstica”, organizada pela Universidade Portucalense.

A média nos outros países da União Europeia é de «21 a 22 em cada mil pessoas».

«São dados alarmantes e que confirmaram os alertas que a APAV tem vindo a fazer há vários anos», disse Paula de Oliveira, referindo que este estudo foi feito através de chamadas telefónicas, a 1.123 pessoas.

De acordo com a técnica, chegou-se à conclusão que existe uma maior prevalência da violência financeira e psicológica, seguida da física. Menos rela-



D.R.

**Seniores** mais vulneráveis perante actos de violência

tada neste inquérito foram a negligência e a violência sexual.

De acordo com o estudo, que envolveu a APAV, GNR, Instituto de Medicina Legal, Instituto de Segurança Social e o Instituto Ricardo Jorge, os factores associados a este tipo de situações são a idade (depois dos 76 anos, a possibilidade de o sénior sofrer algum tipo de violência cresce 10% a cada ano), a incapacidade funcional (a limitação para ac-

tividades diárias pode potenciar a ocorrência de uma situação de violência) e a reduzida escolaridade. Uma outra vertente da investigação incidiu sobre as vítimas assistidas pelos serviços das instituições que desenvolveram o estudo, envolvendo 510 pessoas, 76,2% eram mulheres, a maioria com idades entre os 60 e os 69 anos, casadas, com escolaridade reduzida e com rendimento muito baixo.◀





## ESTUDO DA APAV

## 123 em cada mil idosos alvo de violência

■ Um estudo realizado entre os anos de 2011 e 2014, envolvendo instituições nacionais, concluiu que, em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 podem ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigos/vizinhos ou profissionais remunerados, contratados.

Os dados foram ontem revelados, no Porto, por Maria de Oliveira, responsável da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, durante uma conferência da Universidade Portucalense a propósito de violência doméstica. ■P.M.



**FRASE**

“**Existe uma maior prevalência da violência financeira e psicológica, seguida da física [estudo ontem divulgado no Porto]**”



**Maria de Oliveira**  
Associação  
Portuguesa  
de Apoio à  
Vítima (APAV)

Foto: J. M. Gonçalves / Agência Lusa





# Falta proteção para vítimas

Inquérito feito pela APAV a cerca de mil pessoas confirma que o que há em teoria nem sempre se confirma na prática.

CARLA MARINA MENDES  
cmendes@destak.pt

● A esmagadora maioria dos portugueses conhece os direitos das vítimas de crime. Sabem, por exemplo, que pode apresentar queixa ou fazer uma denúncia, que pode recorrer a serviços de apoio à vítima ou que pode ser indemnizada por danos materiais e danos morais decorrentes do crime. No entanto, de acordo com a sexta edição do Barómetro APAV/Intercampus, que analisou a perceção da população sobre os direitos das vítimas, 48,8% consideram que não existem medidas de proteção suficientes para que a vítima seja efetivamente protegida.

Os dados ontem apresentados reforçam, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a ideia da existência de uma discrepância entre lei e prática, ou seja, entre o que está previsto no quadro jurídico e aquilo que de facto se verifica.

Embora com valores elevados, há direitos menos conhecidos, como 'Não se encontrar ou contactar com o autor



123RF

Mais de 48% consideram não haver medidas de proteção suficientes

do crime em momentos de participação no processo, nomeadamente no tribunal ou na esquadra policial' e 'Ser reembolsada pelas despesas em que incorra para participar no processo judicial e compensada pelo tempo gasto nesta participação, se for testemunha'.

O que, justifica a APAV, é «revelador de falhas do sistema». As características dos espaços ou a ausência de orientações padronizadas tornam pos-

sível o contacto entre vítimas e infratores, enquanto o desconhecimento face ao direito ao reembolso de despesas é «um exemplo cabal da insuficiência da informação prestada».

No geral, conclui a associação, «existe uma tendência para o reconhecimento generalizado dos direitos das vítimas de crime, mas uma perceção um pouco menos elevada sobre a aplicação, na prática, desses mesmos direitos».





# 12,3% dos seniores sujeitos a algum tipo de violência

**Estudo** Associação Portuguesa de Apoio à Vítima alerta para dados que considera “alarmantes”

Um estudo realizado entre 2011 e 2014 envolvendo instituições nacionais concluiu que, em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 podem ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigo/ vizinho ou profissional remunerado.

Os dados foram revelados ontem, no Porto, por Maria de Oliveira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), numa conferência sobre “Violência doméstica”, organizada pela Universidade Portucalense.

A média nos outros países da União Europeia é de «21 a 22 em cada mil pessoas».

«São dados alarmantes e que confirmaram os alertas que a APAV tem vindo a fazer há vários anos», disse Paula de Oliveira, referindo que este estudo foi feito através de chamadas telefónicas, a 1.123 pessoas.

De acordo com a técnica, chegou-se à conclusão que existe uma maior prevalência da violência financeira e psicológica, seguida da física. Menos rela-



D.R.

**Seniores** mais vulneráveis perante actos de violência

tada neste inquérito foram a negligência e a violência sexual.

De acordo com o estudo, que envolveu a APAV, GNR, Instituto de Medicina Legal, Instituto de Segurança Social e o Instituto Ricardo Jorge, os factores associados a este tipo de situações são a idade (depois dos 76 anos, a possibilidade de o sénior sofrer algum tipo de violência cresce 10% a cada ano), a incapacidade funcional (a limitação para ac-

tividades diárias pode potenciar a ocorrência de uma situação de violência) e a reduzida escolaridade. Uma outra vertente da investigação incidiu sobre as vítimas assistidas pelos serviços das instituições que desenvolveram o estudo, envolvendo 510 pessoas, 76,2% eram mulheres, a maioria com idades entre os 60 e os 69 anos, casadas, com escolaridade reduzida e com rendimento muito baixo.◀





ID: 58077852

24-02-2015

# Estudo revela que 12,3% dos idosos portugueses podem ser alvo de violência

Em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 pode ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigos ou pessoas que trabalham com idosos, revela um estudo realizado entre 2011 e 2014 pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). O trabalho envolveu instituições nacionais nos últimos quatro anos e os dados foram revelados ontem, no Porto, numa conferência organizada pela Universidade Portucalense para discutir o tema Violência Doméstica. A APAV nota que a média nos outros países da União Europeia é de “21 a 22 casos por cada mil pessoas”.

“São dados alarmantes e que confirmaram os alertas que a APAV tem vindo a fazer há vários anos”, disse Maria de Oliveira, técnica da APAV, que explicou que este estudo foi feito através de chamadas telefónicas, a 1123 pessoas. Estes dados

têm preocupado a associação que, para reforçar a informação dada às pessoas, apresentou ontem uma campanha sobre os direitos das vítimas de crime. Esta ideia lança uma aplicação para telemóveis, androids e iphones de forma a esclarecer da melhor forma possível todas as vítimas de violência.

Envolvendo a APAV, GNR, Instituto de Medicina Legal, Instituto de Segurança Social e o Instituto Ricardo Jorge, os resultados do estudo demonstraram que são vários os factores associados a este tipo de situações. A idade, a incapacidade funcional e a reduzida escolaridade foram os mais destacados. Depois dos 76 anos, a possibilidade de o idoso sofrer algum tipo de violência cresce 10% a cada ano e a limitação para actividades diárias pode potenciar actos violentos.

De acordo com a téc-

nica, chegou-se à conclusão que existe uma maior prevalência da violência financeira e psicológica, seguida da física. Menos relatada neste inquérito foram a negligência e a violência sexual.

Uma outra vertente da investigação incidiu sobre as vítimas assistidas pelos serviços das instituições. Concluiu-se que, das 510 pessoas assinaladas, a maioria mulheres (76,2%), tinham idades compreendidas entre os 60 e os 69 anos, eram casadas, com escolaridade reduzida e baixos rendimentos. Neste grupo, o tipo de violência mais relatada foi a física, seguida da psicológica e da financeira.

A conferência sobre Violência Doméstica reuniu especialistas das áreas da Psicologia e do Direito e Carlos Rodrigues, membro da coordenação científica do encontro, considerou que na sociedade actual “as pessoas imprimem ritmos demasiado



acelerados às suas vidas, em lógicas muitas vezes individualistas” e advertiu para “os riscos de uma competitividade excessiva

potenciadora dessa violência”.

Segundo dados da APAV, entre 2000 e 2013, houve “um aumento de

149%” de processos de apoio a pessoas idosas vítimas de crime, o que “dá uma média de 15 por semana ou de 2,1 por dia”.



# Em cada mil idosos 123 podem ser alvo de violência

Um estudo realizado entre 2011 e 2014 envolvendo instituições nacionais concluiu que, em cada mil portugueses com 60 ou mais anos, 123 podem ser alvo de algum tipo de violência por parte de familiares, amigo/vizinho ou profissional remunerado.

Os dados foram revelados ontem, no Porto, por Maria de Oliveira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), numa conferência sobre “Violência doméstica”, organizada pela Universidade Portucalense.

A média nos outros países da União

Europeia é de «21 a 22 em cada mil pessoas».

«São dados alarmantes e que confirmaram os alertas que a APAV tem vindo a fazer há vários anos», disse Paula de Oliveira, referindo que este estudo foi feito através de chamadas telefónicas, a 1.123 pessoas.

De acordo com a técnica, chegou-se à conclusão que existe uma maior prevalência da violência financeira e psicológica, seguida da física. Menos relatada neste inquérito foram a negligência e a violência sexual.

De acordo com o estudo, que envolveu a APAV, GNR, Instituto de Medicina Legal, Instituto de Segurança Social e o Instituto Ricardo Jorge, os fatores associados a este tipo de situações são a idade (depois dos 76 anos, a possibilidade de o idoso sofrer algum tipo de violência cresce 10% a cada ano), a incapacidade funcional (a limitação para atividades diárias pode potenciar a ocorrência de uma situação de violência) e a reduzida escolaridade.

Uma outra vertente da investigação incidiu

sobre as vítimas assistidas pelos serviços das instituições que desenvolveram o estudo, envolvendo 510 pessoas, 76.2 por cento eram mulheres, a maioria com idades entre os 60 e os 69 anos, casadas, com escolaridade reduzida e com rendimento muito baixo.

Neste grupo, o tipo de violência mais relatada foi a física, seguida da psicológica e da financeira. Registaram-se vários casos que vivenciaram vários tipos de violência (bater, gritar, ameaçar, ignorar).





## Sociedade

# MAIS QUEIXAS DE IDOSOS AGREDIDOS PELOS FILHOS

Joana Ferreira da Costa

joana.f.costa@sol.pt

Vítor e António foram condenados a prisão por maus-tratos aos pais. Um crime que aumentou com a crise e o regresso a casa de filhos desempregados que cobiçam as reformas dos progenitores.

Foram os gritos de Amândio que alertaram os vizinhos. Quando a polícia lhe entrou em casa, num primeiro andar de um prédio em Lisboa, encontrou um cenário de inferno. O homem, de 89 anos, estava no quarto, rodeado de fezes no chão, e esfomeado. A porta da casa de banho fora trancada pelo seu próprio filho. Vítor também deixara totalmente vazios o frigorífico e os armários da cozinha.

O idoso não tomava banho há um mês e tinha um cheiro «nauseabundo» contaram em tribunal os agentes da PSP que o resgataram do apartamento. O diagnóstico feito na urgência do hospital confirmou aquilo que os polícias já tinham percebido: Amândio estava «muito enfraquecido», desidratado, magro. Tinha tanta fome que até comia a comida da gata e esparguete cru. Na sala de casa, o único filho tinha fechado a cadeado um frigorífico cheio de comida que comprara com os 624 euros de reforma do pai.

Vítor, de 56 anos, foi julgado e condenado a dois anos e três meses de cadeia por violência doméstica contra o pai, a 10 de Dezembro passado pelo Tribunal de Instância Local Criminal de Lisboa. Uma pena de prisão efectiva que ainda é rara para filhos que agredem os pais idosos, um tipo de violência cada vez mais denunciado no país.

«Há uma tendência para o aumento da participação destes crimes», avança ao SOL a procuradora Fernanda Alves, do De-

partamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa. No ano passado, chegaram a este departamento 105 destas queixas de violência contra idosos, a maioria exercida pelos filhos.

Quase tantas como as 107 recebidas em 2013 pela Procuradoria-Distrital de Lisboa para, não só Lisboa, mas também os concelhos de Almada, Barreiro, Moita, Montijo e Seixal.

Também quem está no terreno fala num crescimento das denú-

**Estalos, murros e pontapés são agressões físicas comuns. António, um taxista desempregado, tentou asfixiar o pai**

cias. À Associação de Apoio à Vítima (APAV) chegaram, no ano passado, mais de dois pedidos de ajuda por dia de idosos. A maioria era vítima de um crime praticado pela família.

«Em 2014 estes casos aumentaram em relação a 2013, quando recebemos 774 pedidos de ajuda», explicou ao SOL Maria de Oliveira da APAV, que está ainda a compilar as estatísticas do último ano. «Os idosos são as principais vítimas dos filhos agressores», adianta lembrando que, entre 2004 e 2012, a associação detectou, 3998 pedidos de ajuda de pais agredidos pelos filhos, dos quais 40% com mais de 65 anos.

Estalos, empurrões, murros e pontapés são algumas das agressões físicas mais comuns contra os pais a que se juntam agressões psicológicas, como os insultos, as ameaças de violência ou a ocupação das casas.

Outra forma de agressão detectada são os filhos que deixam os progenitores quase ao abandono, negligenciando os seus cuidados. Uma análise feita pelo DIAP de



Muitas mulheres denunciam os filhos, mas acabam por recusar testemunhar contra eles em tribunal

Lisboa a uma amostra de 156 inquéritos de violência contra idosos revela que as mulheres são as principais vítimas (122) e que o agressor está quase sempre no seio da família. «Além dos filhos, as agressões são cometidas por companheiros, netos e outros familiares», explica a procuradora Fernanda Alves, que fala em situações de «negligência atroz», já que muitos dos idosos estão dependentes fisicamente e isolados do exterior.

Muitos casos que chegam ao DIAP são denunciados pelas misericórdias e hospitais ou pelas equipas de apoio domiciliário que acompanham os idosos. As próprias polícias, GNR e PSP, estão mais alerta para estas situa-

ções o que também fez subir as investigações.

## Crise aumentou situações de violência

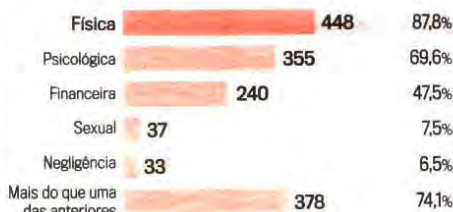
Entre os agressores há casos de problemas psíquicos, depressões ou de dependência de drogas. Mas também cada vez mais situações de conflito provocadas pelo regresso à casa dos pais de filhos que perderam o emprego ou enfrentam dificuldades devido à crise económica. Uma mudança que aumenta o risco de violência, alerta a psicóloga Andreia Neves.

«Para muitos filhos a pensão dos pais é a salvação e a sua única alternativa de sobrevivência», admite a especialista do Ministério Público, lembrando que este fenómeno está a criar tensões nas famílias: «Há situações que se transformam num verdadeiro barril de pólvora».

Mas é apenas quando a agressões se tornam quase intoleráveis que muitos idosos decidem pedir ajuda e relatar aquilo que nunca contaram a mais ninguém. «É preciso estarem nos limites para denunciarem os filhos», explica Elisabete Brasil, da Associação UMAR, que integra a Rede-Radar de Apoio a Idosos Vítimas de Violência em Almada. Por isso, no centro de atendimento que dirige, em Almada, «normalmente estas idosas querem resolver

## Tipos de violência contra idosos

Foram enviados questionários a 510 idosos que tinham sido vítimas de alguma forma de violência entre os 60 e os 95 anos

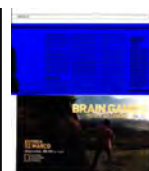


Fonte: Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge

## Violência física segundo o tipo de condutas







a situação fora da Justiça».

«Não querem ver o filho condenado, apenas que ele seja afastado», conta a responsável que no ano passado, apoiou seis mulheres vítimas de agressões dos descendentes – o triplo do ano anterior.

Em vez de pedir ajuda, há pais que optam por mudar de cidade para resolver sozinhos o problema. Outros não avançam com denúncia por vergonha e medo de que as autoridades não acreditem neles e que os filhos se vinguem e aumentem a violência, alerta Maria de Oliveira, da APAV: «Estão muito fragilizados e muitas vezes nem têm bem noção de que estão a ser vítimas de crime».

#### **Pais calam e filhos negam em tribunal**

E mesmo quando denunciam os filhos, muitos idosos acabam por remeter-se ao silêncio em tribunal tornando difícil a condenação. «Muitas vezes a prova está feita, mas nos julgamentos os

agressores acabam absolvidos porque os pais tendem a desculpabilizar os filhos», alerta a procuradora Fernanda Alves.

Já Elisabete Brasil sublinha que este silêncio em tribunais é em regra interpretado como uma forma de desistência, que pode prejudicar o processo. E se uns querem esconder o drama que se passava dentro de casa, outros receiam as atitudes dos filhos. Por isso, a responsável da UMAR defende que «os juizes deviam aplicar mais vezes os mecanismos legais de protecção a testemunhas a que estas vítimas têm direito, como o de prestar declarações para memória futura ou sem o agressor dentro na sala».

Já os filhos negam quase sempre quaisquer agressões, mesmo quando são confrontados pelos juizes com provas evidentes. Foi o que sempre fez António, um taxista desempregado, que a 7 de Novembro último foi condenado a uma pena de cinco anos de prisão efectiva por violência domé-

tica, pela Instância Central da Comarca de Lisboa. Foi, tal como Vítor, um dos quatro condenados nos tribunais de Lisboa a uma pena efectiva por maus-tratos a idosos em 2014.

António era reincidente nas agressões ao pai e à mãe, pelas quais já fora condenado a pena de prisão suspensa, em 2013, e à obrigação de abandonar a casa dos progenitores. Nunca cumpriu a ordem do tribunal e até aumentou o nível das agressões. Abílio, de 82 anos era agredido com cabeçadas, murros pelo filho, que chegou a tentar asfixia-lo duas vezes durante discussões. Ermelinda, de 87, era constantemente insultada e foi empurrada várias vezes com violência. O casal de idosos tinha tanto medo, que se tornou prisioneiro na própria casa. Dormia na sala, porque ele os expulsara do quarto. Evitava sair e quando António entrava em casa trancavam-se na divisão. Em tribunal a mãe testemunhou contra o filho: «para ele somos um monte de esterco».

## **Guia para detectar casos**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a elaborar um guia de boas práticas para ajudar os profissionais de saúde a detectar vítimas de violência doméstica. O projecto é feito em parceria com a Direcção-Geral da Saúde e tem como objectivo melhorar a detecção e sinalização destes casos nos hospitais e centros de saúde. «Os idosos são os que mais recorrem a estes serviços e serão os principais beneficiários deste projecto», adianta Maria de Oliveira da APAV J.F.C.





## Dar voz ao silêncio...

... das vítimas de crime. *Cansada* vem aí para assinalar os 25 anos da APAV

«É IMPORTANTE QUE HAJA UM MOVIMENTO E TEM DE SE COMEÇAR POR ALGUM LADO», assinala Ana Bacalhau, celebrizada como voz do grupo Deolinda. «É preciso acordar as consciências, o alerta é fundamental», acrescenta Manuela Azevedo, vocalista dos Clã. As duas já gravaram a sua parte, tal como Marta Hugon, e eis que entra Selma Uamusse, a moçambicana que traz o espírito de Nina Simone para a sala de gravações. Há de seguir-se Rita Redshoes («Também queremos dar coragem às mulheres!») e depois as fadistas Cuca Roseta, Aldina Duarte e Gisela João. Estamos nos Atlântico Blue Studios, em Paço de Arcos, onde se prepara com o maior cuidado *Cansada*, a canção que quer agitar o País sobre essa realidade perturbadora, cada vez mais presente nas notícias, todas as semanas. Foi em conversa com João Lázaro, o presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que Rodrigo Guedes de Carvalho, pivô do *Jornal da Noite*, da SIC, contou

que escrevera um poema dedicado às vítimas de violência doméstica. «É um lamento no feminino e na primeira pessoa», revela. Concordaram que seria cantado por mulheres – e várias, a mostrar que é um drama transversal, a todas as idades e classes sociais. Rodrigo Guedes de Carvalho desafiou «as melhores vozes nacionais» e estas «aceitaram de imediato, sem contrapartidas» – tal como todos os outros envolvidos na criação deste hino que quer pôr as pessoas a pensar e a indignarem-se. «Ouvimos histórias de miúdas de 18 anos violentadas pelos namorados e não acreditamos: isto não é um drama de uma geração, o padrão está a passar para os mais novos», sublinha. Contaram ainda com o talento musical de Filipe Melo e da Orquestra Sinfonietta de Lisboa, e num dia gravaram a canção e o seu vídeo, com lançamento marcado para 6 de março. O difícil mesmo é apontar qual a estrofe mais marcante. Esta será uma música de que não nos iremos cansar. **TERESA CAMPOS**





# CRÓNICA DE UM CRIME ANUNCIADO











*No dia 10 de Fevereiro, Manuel Baltazar, conhecido como “Palito”, começará a ser julgado pela morte da tia e mãe da sua ex-mulher, Angelina, e por ter disparado contra ela e contra a filha. Angelina vive no medo de que ele regressse. Só no ano passado morreram 40 mulheres vítimas de violência doméstica*

Ao fim de meses de fisioterapia, Maria Angelina ainda tem dores e não consegue subir umas escadas sem apoio, quanto mais ir para o campo, única forma de subsistência em Valongo dos Azeites, terra onde nasceu, reside e onde, fez dia 17 nove meses, foi baleada pelo seu ex-marido, que na mesma altura matou a mãe e a tia e ainda feriu Sónia, a filha do casal.

Em Dezembro, Angelina passou a receber um apoio financeiro do Estado; até então, impedida de trabalhar, subsistiu graças aos seus vizinhos, que lhe ofereciam a comida. Também não consegue dormir à noite, recordando constantemente o que sofreu. E está em crer que, apesar de “Palito” – como Manuel Baltazar, seu ex-marido, é conhecido – estar preso, ainda controla cada um dos seus passos. A 10 de Fevereiro, “Palito” começará a ser julgado pelo crime praticado a 17 de Abril de 2014; Angelina vive no medo de que de alguma forma, legal ou ilegal, ele consiga regressar para matá-la.

Há uma razão para Angelina temer que ele consiga escapar à prisão – é que já assim aconteceu no passado. Estiveram casados 29 anos, de 2 de Janeiro de 1982 a 12 de Dezembro de 2011. Mas ainda antes do divórcio, em Fevereiro de 2009, Angelina abandonou a casa do casal em Trevões, de onde “Palito” é natural. E a 15 de Outubro apresentou queixa contra o marido, que viria a ser condenado por crimes de violência doméstica, ofensas à integridade física e ameaça agravada contra Angelina, a tia desta, Elisa Barros, e o filho, Rui.

A sentença do processo – em que pelo menos dez pessoas testemunharam a favor de Angelina – saiu a 18 de Novembro de 2013.

As agressões e ameaças praticadas por “Palito” e dadas como provadas pelo tribunal de São

João da Pesqueira são descritas em 26 pontos, tornando-se claro que a periodicidade e o grau de violência de “Palito” aumentaram exponencialmente desde que a ex-mulher saiu de casa: a 8 de Outubro de 2009, “Palito” “apertou com força” o pescoço de Angelina; a 29 de Setembro de 2012, apontou uma caçadeira ao peito do filho Rui, quando este trabalhava com a mãe na apanha da azeitona, dizendo-lhe “chama a GNR, agora, chama”; a 21 de Outubro de 2012, “Palito” conduziu o seu Toyota Corolla na direcção de Maria Angelina, travando bruscamente em cima desta – depois disse-lhe: “Agora já não arreganhas os dentes”; a 5 de Dezembro de 2012, ameaçou-a, bem como aos seus tios Elisa e António Barros, que se encontravam a podar uma vinha: “Hei-de cozer-vos a todos, hei-de pegar fogo à vossa casa”; e a 20 de Setembro de 2013, “Palito” perseguiu, de foice na mão, Angelina no cemitério, agarrando-a pela parte de trás do pescoço até Angelina ficar no chão – quando a GNR a encontrou, escondida num café, a urina escorria-lhe pelas pernas abaixo.

“Palito” foi condenado a um cúmulo jurídico de quatro anos, mas a pena foi suspensa e em vez de ser preso, “Palito” foi proibido de se aproximar a menos de 400 metros da ex-mulher e tinha de usar pulseira electrónica.

Às 16 horas da tarde do dia 17 de Abril, “Palito”, após cortar a pulseira electrónica e munido de uma caçadeira, dirigiu-se a casa de Elisa, onde as quatro mulheres se encontravam a fazer bolos para a Páscoa, e disparou. Depois enfiou-se serra de São Paio dentro e, durante um mês e quatro dias, escapou ao dispositivo policial montado para o apanhar.

Esses 34 dias não são um pormenor, antes constituem o traço distintivo de um crime que tendo contornos excepcionais, também é, em termos simbólicos, exemplar dos restantes cri-

mes de violência doméstica ocorridos em Portugal – e a razão pela qual ao longo de vários meses fomos e voltámos a Trevões e a Valongo dos Azeites.

Segundo a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), de 1 de Janeiro a 30 de Novembro de 2014, houve 40 mulheres assassinadas por companheiros, ex-companheiros ou familiares do sexo masculino; outras seis escaparam à mesma sorte. Já a Associação de Apoio à Vítima (APAV) fez saber no final do ano passado que recebeu 7265 queixas de violência doméstica ao longo de 2013; nesse período, a Direcção-Geral de Política de Justiça reporta que, dos inquéritos que o Ministério Público levou a cabo, apenas 3541 casos de agressão doméstica a mulheres foram julgados. Em 2014, apenas 96 homens foram presos por esse crime. Os números não sofreram grandes alterações ao longo dos últimos anos – o que significa que pouco mais de 1% das mulheres que recorrem à APAV vêem os seus agressores condenados.

Por duas vezes, lê-se na sentença de 2013, “Palito” encontrou a mulher nos refúgios que a APAV lhe providenciou quando saiu de casa. Estas casas são secretas – como foi possível a “Palito” descobrir as moradas?

“Isso basta alguém vê-la e dizer [a ‘Palito’]”, responde um GNR da zona. Mas porque é que alguém iria contar a um homem que agredia a mulher onde esta se escondera?

Há outras peças importantes para montar o puzzle.

Ao atacar a filha, a ex-mulher e a tia e a mãe desta, “Palito” qualifica-se como um “familiar”. Por norma, e como explica Fernando Almeida, psiquiatra especializado em crimes de sangue, “o familiaridade entrega-se às autoridades, deixa-se apanhar ou suicida-se”. “Palito” não só não se entregou, como o número de dias que





Durante 34 dias, Manuel Baltazar, conhecido como “Palito” (na fotografia, ao centro) escapou ao dispositivo policial montado para o apanhar

andou a monte o torna uma exceção face ao habitual neste tipo de crimes. O mesmo GNR disse à Revista 2 ser impossível um homem andar este tempo fugido sem ajuda dos vizinhos: “Alguma coisa ele tinha de comer.” Porque é que alguém iria ajudar um duplo homicida?

Fernando Almeida tem uma explicação: “Algumas das pessoas que o alimentaram durante um mês pensam: ‘Coitadinho, ele tanto trabalhou para alimentar a família e ela agora vai abandoná-lo? Ela jurou que era para a vida toda. E ele nem a tratava assim tão mal, só enxotava umas moscas de vez em quando. Porque é que aquelas mulheres [a tia e a mãe de Angelina, que ‘Palito’ acreditava serem as responsáveis pela separação] se foram intrometer?”

Os dias de apoio a “Palito” espelham a que ponto a mentalidade que subjaz à violência doméstica está enraizada: a ideia de que o homem tem direito a abusar fisicamente da mulher e – aspecto fundamental para que o abuso se perpetue – que sobre o assunto deve fazer-se silêncio.

A conclusão é que, “aquelas pessoas, ao ajudarem-no durante um mês, constituem uma espécie de essência do machismo dominante”, diz o psiquiatra.

O silêncio e cumplicidade das pessoas de Trevões é a história de futuras Marias Angelinas. Muitas podem vir a ter ainda menos sorte do que ela.

## MARIA ANGELINA ERA UMA ESTAMPA

Maria Angelina nasceu em Valongo dos Azeites, onde se chega, vindo de São João da Pesqueira, primeiro pela N222 e depois pela N229, 13 quilómetros que demoram cerca de 20 minutos de carro a quem não está habituado aos esses da serra, com bermas desprotegidas que acabam

em precipícios. Trevões – de onde “Palito” é natural – fica a menos de cinco quilómetros de Valongo, duas localidades cuja média de habitantes ronda os 200.

Ao redor destas terras, a serra ergue-se monumental, montes sobrepondo-se como ondas encarpadas em dia de maré zangada, determinando a vidas dos seus habitantes ao mais ínfimo pormenor, como a luz que recebem: Trevões, por exemplo, é mais sombria que a entrada de Valongo dos Azeites – enquanto esta começa numa zona aberta de moradias expostas ao sol, Trevões parece enterrada num soco da serra, um apêndice de pedra onde a luz não entra.

As escassas povoações existem recolhidas em si mesmas, pequenos pontos compactos cor de xisto no imenso verde. Há apenas dois autocarros diários a ligar Valongo e Trevões a São João da Pesqueira: é fácil sentir solidão aqui.

Angelina, nascida a 24 de Novembro de 1961, era filha única de Lina (morta no ataque de “Palito”) e Acácio Félix (que morreu em Maio de 1996).

Segundo o Registo Civil do Tribunal de São João da Pesqueira, Acácio tinha pelo menos três irmãs: Maria Ermelinda, Maria Judite e Elisa, que foi também assassinada por “Palito” e deixou marido e filhos em França. A população falou-nos em mais duas irmãs: Delfina, que morreu e tem filhos em Lisboa; e Celestina, que morreu deixando os filhos António Félix, Ana Maria e Antero. O Registo Civil não encontrou dados sobre Celestina, mas encontrámos Antero (em Valongo) e Ana Maria e António (em Trevões). Esta disparidade não é caso único na família: no acórdão do tribunal, lê-se que Manuel Baltazar “é o mais velho de nove irmãos”; contudo, no Registo Civil, apenas se encontram sete (incluindo o próprio Manuel Baltazar).

Hoje, Carlos, dono do café Século XXI em

Valongo, diz que Maria Angelina se “descuidou” em relação à aparência, o que considera “normal, com tudo o que passou”. Mas à época do casamento, Maria Angelina, 18 anos, era “uma estampa”.

Sendo casado com uma prima de Maria Angelina, Carlos tem opinião formada sobre a forma como “Palito” a via: “Antes dizia a toda a gente que ela era um espectáculo e que nunca teria hipótese com ela. Quando casou, foi como se tivesse ficado em dívida para com ela. Não acreditava que a tivesse conseguido. Achava-se abaixo dela.” Apesar dos laços familiares, Carlos teve pouco contacto com “Palito” e Angelina. “Eu vendo calçado – neste tempo todo, ele nunca me comprou sequer uns chinelos.”

Nunca vende calçado ao balcão. Não fora isso e o café Século XXI podia ser um café de qualquer parte do país: chão em mosaico, mostruário de vidro com tampo em folha de mármore, Chupa-Chups, pastilhas Gorila. Carlos, baixote, ligeiramente careca, tira um par de sapatos de vela debaixo do balcão, enquanto serve vinho do garrafão.

Quando a polícia entregou “Palito” ao tribunal, a população brindou-o com aplausos, o que chocou o país – porque raio estaria um homicida a ser aplaudido? O dono de um café em São João da Pesqueira explica os aplausos pela antipatia que o povo tem para com a polícia: “A GNR está sempre à caça da multa. Prantam-se [forma popular de dizer que ficam espçados] à espera de quem sai dos cafés e vai guiar. O que irrita o povo, que quer beber em paz.” Ouvimos a mesma justificação noutros sítios – mas não encontrámos quem admitisse ter aplaudido.

Tal como Carlos, Ana Maria tem escassa memória das três últimas décadas de vida de Angelina. A prima diz que “em miúdas [eram] como irmãos”. Depois, “durante mais de 20 anos,

nunca mais houve contacto com ela”. Quando deixaram de se ver? “Quando ela se casou.”

Da casa de Ana Maria à de “Palito” demora-se cinco minutos a pé. Da de António Félix, seis. No entanto, a mulher de António declara nunca ter tido qualquer contacto com o casal.

Nem no Natal?, perguntamos. “A gente aqui passa a ceia com a família de casa.”

Este é um mote constante: cada um vive na sua casa, com a sua família e só se mete no que lhe diz respeito. Pese embora umas semanas na zona nos demonstrem que os homens comentam as vidas dos outros nos cafés, e as mulheres, nos intervalos da lida da casa ou da faina, segredam entre si. Diz Albino [nome fictício], de Valongo: “Cada um trata do seu lar, ninguém põe a colher no prato do outro, mas bichana-se acerca de todos.”

## “PALITO” EM VALONGO, “SEM-TRIPAS” EM TREVÕES

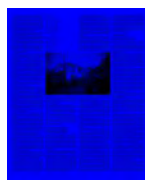
Manuel Baltazar nasceu a 16 de Março de 1953, em Trevões, vila situada na serra de São Paio, a 911 metros de altitude, o ponto mais alto de São João da Pesqueira. Era o mais velho de – segundo o acórdão de 2013 – nove irmãos: além de “Palito”, há António, seu vizinho, Fernando e Carlos que moram em França, tal como, supostamente, Zé, Maria, que vive no Porto e Mário, também morador em Trevões. No Registo Civil não surge o nome de Carlos, mas aparece um João Augusto – fica a faltar o nome de um irmão, que o Registo Civil não conseguiu encontrar.

Sabe-se pouco da vida de “Palito” até ao acidente que supostamente o mudou para sempre: a morte dos pais, afogados no Douro após um aluimento de terras derrubar a viatura em que seguiam, a 14 de Fevereiro de 1979.









Descobrir o que aconteceu nesse dia depende de quem se ouve: num relato, “Palito” estava na viatura e sobrevivera, visto saber nadar; noutro, uma pedra gigante teria caído em cima do pai de “Palito”, esmagando-lhe o peito. Há narrativas que incluem várias pedras, ocupantes do automóvel que variam, diferentes mortos. Certo é que, após o aluimento, o carro se enfiou num braço do Douro.

Segundo um primo de “Palito”, que se recorda bem do acidente, o casal Baltazar fora a uma consulta médica na Régua acompanhado pelo casal Laranjinha, respectiva filha, e um moço chamado João Madureira. No regresso, várias pedras aluíram, tendo uma esmagado o peito de Laranjinha, que ia ao volante – e não o pai de “Palito”. “Palito”, note-se, só o é em Valongo – em Trevões chamam-lhe “Sem-Tripas”. O único que se salvou foi Madureira – o que sabia nadar.

Qualquer história em Trevões tem tantas versões como as pessoas que a contam. E é difícil acreditar em tudo o que se ouve: muitas vezes ouvimos “nem os conhecia” dito por vizinhos que viveram 60 anos a dois metros de distância. Há o caso de um homem que no decorrer da nossa reportagem certo dia nos afiançou que não sabia de nada porque fora para França antes do assassinato e voltou já “Palito” estava preso; dias depois, lá lhe escapou: “Até disse ao rapaz para se entregar.” Inquirido sobre a discrepância, respondeu com “isso agora”, e fechou-se em casa.

Os pais de “Palito”, Baltazar e Celiza, eram “gente muito boa”, “com posses” e “às vezes ajudavam quem não tinha que comer”, “dando couvinha ou feijão” – é este o retrato que muita gente em Trevões faz.

Depois há Hélder [nome fictício], que também ali mora e se lembra de que “o pai [de ‘Palito’] era bom tanoeiro e tinha um carro de bois”. “Chamavam-lhe ‘Sem-Tripas’ devido à extrema magreza, que o filho herdou. Segundo Hélder, o casal Baltazar “ficava a dever a este e àquele”. “O meu pai era sapateiro e o pai dele [Baltazar] mandou pôr meias solas nuns sapatos. Quando estavam arranjados apareceu lá em casa, calçou as botas e disse: ‘Só posso pagar no fim-de-semana. Posso levá-los já?’ O meu pai fê-lo descalçar as botas. Você veja como era esta gente.”

A casa dos pais de “Palito”, a que os locais chamam “Casa Velha”, dá a entender – pelo tamanho – que o casal não viveria mal. Para lá chegar, é preciso tomar a ondulante N229, inflitrar para leste, EM504 adentro, entrar numa estrada ainda mais estreita que as demais e por fim dar com três caixotes do lixo, que dividem a terra entre zona alta (mais moderna) e zona baixa (a mais rude): para a esquerda há um banco (com caixa multibanco, a única até São João da Pesqueira) e, ao fundo da rua, as casas dos primos de Maria Angelina.

Por ali também existe um lar de idosos e a escola primária onde “Palito” e os irmãos estudaram – é a única da zona e os miúdos de Valongo ou Penedono iam aprender lá. Maria Angelina, dizem-nos, fez a quarta classe, numa altura em que só as meninas com posses estudavam. Na realidade, confirmaram-nos que Angelina completou o equivalente ao actual 9.º ano de escolaridade.

Trevões é vila, Valongo é aldeia. O Paço Episcopal, um par de casas senhoriais, a Igreja Matriz e uma série de capelas indicam que a vila teve uma grandeza que hoje não possui.

A direita dos caixotes do lixo há um caminho estreito, em empedrado, de margens ladeadas por muros de xisto, onde é impossível passarem dois carros: é a zona baixa, o Douro profundo e esquecido pelo tempo – e é a rua de Manuel “Palito”, cuja casa é a segunda quando a estrada começa a subir. A

“Palito” foi proibido de se aproximar a menos de 400 metros da ex-mulher, Maria Angelina, que vivia nesta casa que se vê na fotografia abaixo em Valongo dos Azeites.

À esquerda, a casa onde Manuel Baltazar baleou Angelina, matou a ex-sogra e a tia, Elisa Barros, e ainda feriu Sónia, a filha do casal



primeira é do seu irmão António. Por trás de casa de “Palito” ergue-se a Casa Velha e depois estende-se o cerejal por onde terá fugido após o duplo homicídio.

Acompanhando o muro de granito e xisto que demarca o cerejal, dá-se a volta a meia terra, retornando-se aos caixotes do lixo – no meio do cerejal há um pequeno lago, que tornou impossível seguir o rasto de “Palito” quando a polícia ali entrou com os cães.

Este terreno, que ocupa meia Trevões, divide-se em vários, que pertencem a “Palito” e a uma senhora que não vive ali. Há um caseiro, mas a população ou recusa dizer o seu nome ou dá nomes díspares.

## OS HOMENS CONSPIRAM, AS MULHERES SEGREDAM

Os irmãos Manuel, António e Mário passaram anos emigrados a trabalhar na construção civil. As suas moradias foram construídas à mão; um pequeno jardim adorna a de António, o que não acontece na de Mário, mais humilde. Face às casas de xisto que as rodeiam, são promessas de um mundo mais moderno, mais confortável.

É difícil dizer em que anos estiveram emigrados quando os próprios familiares transmitem informações erróneas: “Escreveram-se tantas mentiras”, lamentou-se um dia a mulher de António. “Disseram que [‘Palito’] esteve na Líbia, numa fábrica de manteigas, nos anos 70. Havia lá fábricas de manteiga na Líbia nessa altura!” De facto, “Palito” não esteve numa fábrica de manteigas na Líbia; esteve lá na construção civil, bem como na Suíça e em França, segundo dois homens que estiveram com “Palito” na Líbia.

Graças à emigração, conta Albano [nome fictício], amigo caçador, “Palito” começou a construir casa e comprou um Toyota azul, do qual tinha muito orgulho. “Isto em 1976, uns anos antes de se casar com Maria Angelina.”

Hélder também afiança que Maria Angelina “agradou-se do carro”, ideia que parece ser unânime na faixa que vai da saída de Trevões até Valongo: “Na altura havia cá poucas viaturas”, lembra António Canela, amigo de “Palito”.

Uma familiar de um homem que, segundo vários membros de Valongo e como veremos mais à frente, terá sido assassinado por António Canela, recorda que o carro agradou até à mãe de Angelina; de acordo com este testemunho, ela gabar-se-ia à população de ter encontrado “um bom pretendente para a filha”, a quem obrigara a terminar um namoro



com um homem com menos posses (e cujo nome não foi mencionado).

Esta familiar considera que Maria Lina sempre foi “má, ruim, afeiçoada ao dinheiro” e que “atçava” “Palito”, que tratava dos terrenos da família da mulher, “contra o povo [de Valongo]”. De acordo com outros moradores, “Palito” teria o hábito de disparar na direcção de quem atravessasse os terrenos dos seus sogros – não para matar, mas para assustar. A dada altura, diz-nos: “As outras não, mas a Maria Lina mereceu morrer.”

Houve pelo menos um texto na imprensa em que se relatou que a compra do Toyota foi posterior ao casamento. Esta disparidade nos relatos está sempre presente em Trevões e Valongo.

Não só a disparidade mas também o secretismo: Canela é apontado pela população de Valongo (vive junto à moradia de Elisa) como a pessoa que terá telefonado a “Palito”, de um telemóvel descartável, a avisar que as mulheres estavam no quintal de Elisa. As teorias de conspiração são discutidas pelos homens; as mulheres não se metem nestes assuntos.

O GNR citado acima admitiu ser “possível” a existência da chamada para “Palito”, garantindo não ter sido identificado nem o autor da chamada nem o dono do telemóvel.

A acusação a Canela foi-nos contada pela primeira vez num café em Valongo. Aproveitando que o grosso dos homens discutia que arma “Palito” usou, o sr. Sérgio abeirou-se e narrou a história ao ouvido, afastando-se de imediato, de modo a não passar a imagem de delator. A cena repetiu-se várias vezes, com outros homens e versões ligeiramente diferentes. Em todas, o narrador aproveitou um momento em que os amigos estavam distraídos, contou e depois voltou para o grupo.

No primeiro dia em São João da Pesqueira, um GNR afirmou: durante anos, “nunca ouvimos a versão dela, só conhecíamos a dele”, a de que Maria Angelina tinha uma depressão. Talvez seja por tudo ser contado em surdina e nada ser muito certo que foi possível a “Palito” criar na população essa imagem de uma Maria Angelina deprimida – em vez de uma Maria Angelina abusada.

## “DIZES QUE MATAS MAS NÃO MATAS NADA, PÁ”

Maria Angelina e Manuel Baltazar conheceram-se na apanha de azeitona de terceiros, em cujos terrenos faziam jorna, e estiveram casados 29 anos: o divórcio chegou a 12 de Dezembro de 2011, quase três anos após Angelina sair de casa.

O funcionário de uma funerária local, que há 13 anos fez um funeral de um tio de Angelina, nunca ouviu de “Palito” mais do que um “ando aqui aflito porque a minha mulher se quer divorciar”, frase que muitos recordam. Desde a separação que o único assunto de “Palito” era a mulher. “Era uma obsessão que ele lá tinha”, diz o sr Carlos.

“Na caça”, recorda António [nome fictício], “cada vez que parávamos para comer, lá vinha ele com a história de se vingar das mulheres que ajudaram à separação”. António descreve “Palito” como “um tipo exemplar na caça – mas refilão”. Perito em javalis e perdizes, era o que “mais se enfiava mato adentro”, nunca hesitando em “rastejar pelos trilhos deixados pelos javalis”, sabendo “como não os alertar. Conhece estas serras como a palma da mão” e falava tanto em matar que a dada altura começaram a gozar com ele: “Dizes que matas mas não matas nada, pá.”

Eis um homem não muito bonito, não muito forte, com menos dinheiro que a mulher e que se vê divorciado.

Os problemas já vinham de trás. Albano diz que mesmo “no tempo em que o Acácio ainda estava vivo já havia discussões verbais graves entre ele e “Palito”. Depois da morte do pai, a Lina e o “Palito” costumavam discutir à frente de toda a gente”. Conta isto em voz baixa, porque no restaurante está uma familiar de “Palito”.

De acordo com Albano, a família de Angelina “nunca [acatou] bem a junção”, em parte porque “tinha mais valores patrimoniais que a do ‘Palito’”. A ideia de que o casal não vinha do mesmo meio é confirmada por outros: “Os pais dela tinham mais dinheiro que os do ‘Palito’”. Ela é herdeira de uma vinha com bastante benefício”, lembra Hélder. No acórdão do tribunal, descreve-se “Palito” como sendo “filho de um casal de modesta condição socioeconómica”. O nível de vida de “Palito” melhorou depois de ter estado emigrado. Em Trevões, e quando confrontadas com a hipótese de Acácio e Manuel Baltazar não se darem, as pessoas respondem “isso era lá com eles”. Em Valongo, as zangas são um dado adquirido.

É recorrente ouvir-se dizer que Maria Angelina “teve pena” de “Palito”, após este perder os pais, o que a levou a casar. Sendo alguns dos irmãos de “Palito” muito novos aquando do acidente, Angelina terá cuidado deles como se fossem seus filhos. Em Valongo e no Penedono, há quem diga que “Palito” tratou Angelina mal desde o primeiro dia. Em Trevões, ninguém admite tal coisa.

Se ao início o casal se dedicava à apanha da azeitona nos terrenos dos pais dela, de “Palito” e de terceiros, entre outras actividades agrícolas, com a morte de Acácio Félix, o casal passou a ser dono de um conjunto de terrenos que permitiam uma boa vida. Na maior par-





te dos relatos, por esta altura “Palito” já não emigrava – fixou-se na terra quando acabou a casa e não voltou a sair do país após o nascimento do segundo filho, Rui. Contudo, uma fonte próxima de Maria Angelina assegurou-nos que, já com os filhos nascidos, “Palito” ainda emigrava.

Isto dá o retrato de um homem trabalhador, empenhado em criar um lar para a mulher e os filhos. Umas semanas em Trevões revelam outro homem – um que a cada regresso passava mais tempo na caça que em casa e estourava dinheiro pagando almoçadas aos amigos caçadores, enquanto Angelina trabalhava nos “prédios” (terrenos) do casal e de outras pessoas.

## NUMA CASA-ABRIGO DA APAV

Um homem, para chegar aos 60 anos e matar a mulher, só se começou a beber ou se descobriu que ela tinha outro”, disse o GNR. “Outro modo, tem de haver violência há muito tempo e matar é o culminar da violência.”

É comum, aqui, a violência doméstica? (A pergunta é injusta: a violência doméstica é comum em todo o país.) O GNR tira o chapéu, coça a cabeça rapada a pente 3 ou 4, e diz: “Isso das mulheres... sabe como é. Terra pequena, não há nada para fazer, chega-se a casa todos os dias... Elas não ficam mais bonitas com o tempo. Bebe-se uma pinga e quando se dá por ela já só se fala à chapada. É assim.”

É assim, mas ouvindo os moradores de Trevões não era assim com “Palito”, que não bebia. Basta um pulinho ao café Século XXI, ou ao Buraco, em Trevões, onde há uns anos a GNR apreendeu 17 armas ilegais numa só rusga, para encontrar dezenas de homens que concluem que “o crime foi um bocado culpa delas, que não tinham nada que se meter”. “Intrometer-se” era dizerem a Angelina que

não tinha de se sujeitar à violência. Ainda há coisa de semanas, uma prima de Maria Angelina repetiu a mesma ideia.

Não raro as pessoas têm um rebate de consciência e refazem a afirmação: “Mas o que ele fez foi errado” ou “perdeu a razão quando matou”. Ninguém afirma que “Palito” perdeu a razão quando começou a bater na mulher.

Já viúva, mas com a filha ainda casada, Maria Lina deu ordem para se fazer uma vinha nos seus terrenos; na prática arrendava (por 10 ou 20 anos, há informações em ambos os sentidos) os terrenos a “Palito”, que estava incumbido de explorar a vinha e recebia os dinheiros. Esta terá sido a altura do casamento em que o casal viveu melhor.

Mas, quando Maria Angelina saiu de casa, “Palito” proibiu-a de entrar nos “prédios” de Maria Lina, o que legalmente podia fazer: “Estava a tentar matá-la à fome”, conta Albano.

Já separados, “Palito” “surpreendia-a na jorna e ameaçava-a e a quem estivesse com ela”. Esta agressividade foi aumentando até ao ponto de “Palito” bradar ter uma bala para quem se aproximasse da ex-mulher.

É sabido que até à ordem do tribunal para manter os 400 metros de distância, “Palito” passava diariamente à porta de casa dela; em Valongo, diz-se que pagou a um reformado local para vigiar Maria Angelina. O reformado nega qualquer contacto com “Palito”.

A separação de Maria Angelina coincide, segundo Manuel [nome fictício], vizinho e amigo de infância de Angelina, com “a altura em que a Elisa obteve a reforma e começou a passar mais tempo em Valongo que em França”. Na realidade, Angelina só saiu de casa quando os filhos – que não foram para a universidade mas acabaram o 12.º ano – já haviam saído.

Para o psiquiatra Fernando Almeida, na cabeça de “Palito”, “Angelina pertencia-lhe;

podia ter de lhe arrear de vez em quando, mas isso faz parte; ter saído de casa não era uma manifestação da vontade dela, antes fraqueza face às manipulações da tia e da mãe que por isso, pensaria ele, mereceriam ser punidas”. “Palito” esfaqueou o corpo de Elisa ao alvejá-la directamente no peito.

A primeira pessoa a relatar publicamente actos de violência de “Palito” foi Filomena, mulher de Mário: “Foi no cemitério, no dia dos Fiéis [do ano passado]”, contou. “Atirou a Sónia [a filha] ao chão, tentou bater-lhe, meti-me no meio e ele derrubou-me e deu-me pontapés.” De volta a Trevões, “Palito” apertou-lhe o pescoço.

Houve uma altura em que o único dado acerca de violência doméstica que se conhecia no caso era que Maria Angelina tinha pedido ajuda à APAV, sendo colocada em casas-abrigo, primeiro em Vila Real e depois, quando “Palito” a descobriu, na Régua, onde voltou a ser descoberta pelo ex-marido.

No acórdão do tribunal que puniu “Palito”, lia-se que ele dava chapadas na mulher e recorria a violência para a obrigar a dormir na cama do casal.

O motivo do isolamento de Maria Angelina seria a violência doméstica?, perguntei a uma familiar muito próxima de Maria Angelina, em casa a passar a ferro e a dobrar a roupa. “Não”, diz com as mãos a tremer e lágrimas prestes a cair. “Nunca lhe bateu.” Nunca lhe bateu?, insisti. Ela pára, baixa a cabeça e diz: “Ela não se queixava.” E o facto de não se queixar indica que não lhe batia? Ela pára de novo, antes de se recompor e voltar a dobrar a roupa. E é ela quem diz: “Os homens, aqui, são do século XVII. Há muita coisa escondida. As telhas escondem muita coisa.”

Insisto: ele começou a bater-lhe quando? Ela começa a chorar – foi a única pessoa que

vi chorar nas semanas que passei em São João da Pesqueira. Foi cedo?, pergunto. E aqui sim, ela chora mesmo. E baixa a cabeça e pede-me que saia antes que o marido volte.

Última pergunta: porque é que as mulheres dali que apanham não se divorciam? Ela olha-me atônita. “E fazer o quê? Ir para onde? Ao menos aqui sabemos com o que contar... O senhor sabe o que se passou, não precisa de mim, deixe-me, eu só quero esquecer.” Sentase na cama e chora.

## O SEXO É UMA ROLETA

Valério [nome fictício], habitante de Valongo, conta-me um dia uma história passada em Trevões há duas décadas e que tem como protagonista uma vizinha de “Palito”.

“Um rapaz tinha uma namorada, estavam noivos e a rapariga rompeu o noivado. A mãe do rapaz não foi de modas: esperou que os pais da moça saíssem de casa, bateu à porta e quando a miúda abriu: tau, tau, tau, cinco chumbadas nos cornos.” A história é verificada por vários habitantes das duas localidades.

Porque é que ela não quis casar?, pergunto. “Porque não queria levar na tromba.”

A maior parte das mulheres por estas bandas é de idade. “Quando [os homens locais, mesmo os casados] querem acção vão ao al-terne” nas terras circundantes, relata um caçador, que não quis ser identificado. Um dia fomos os dois pela serra verificar os casebres onde “Palito” podia ter-se escondido. No trajecto demos com algumas dessas casas, como o 125 Azul, que recebe “brasileiras e tailandesas – as tailandesas são muito bonitas” e “são todas ilegais”, informa. Resolvi perguntar a este caçador – cuja mulher estava emigrada como ama para dar mais algum à escassa reforma – porque perdia o seu tempo a ser



ID: 57743939

01-02-2015 | 2

meu guia. “Solidão. Ao menos assim, estou entretido.”

Valério diz que em Valongo não há farmácias, o que tem implicações nas mais simples situações quotidianas. “Se uma miúda quiser a pílula, tem de ir a São João da Pesqueira”, conta, antes de elucidar acerca da moral ainda vigente na zona. “Pela vontade dos pais, não é possível uma miúda de 16 anos ter sexo antes do casamento. Elas aproveitam as jornas ou fazerem um recado. Não há precaução, pelo que o sexo é uma roleta: pedem aos homens para se virem fora ou rezam para não engravidarem. Se engravidarem, é simples: levam na tromba e o pai vai convidar o empenhador a casar.” Faz uma pausa e entrega a *punchline* com um sorriso entre o amargo e o resignado: “O convite é feito com uma chumbeira.”

Estávamos sentados na mesa de um café em Valongo: entra-se, há um balcão em U e à direita uma enorme sala de cujo tecto pende uma bola de espelhos. Fazem bailes aqui?, pergunto. “Não. O Buraco, em Trevões, tem uma salinha onde puseram uma bola de espelhos. Esta surgiu por imitação. Foi ‘se tu tens, eu também tenho de ter’. Há uma grande rivalidade entre as terras”, responde Valério.

Em Valongo, certa tarde, estavam algumas mulheres a conversar quando uma diz: “Ao menos isto deu para falarem [de Valongo].”

Nos 34 dias em que esteve a monte, “Palito” foi avistado quatro vezes. A primeira foi no dia imediatamente a seguir ao crime, quando apareceu a José Costa, na quinta do pastor, no Penedono.

Costa, amigo de “Palito”, recusou-se a falar, visto os jornalistas serem “todos uns vigaristas”. Um jornalista de televisão disse-lhe que “telefonava a avisar quando saía a peça e nunca mais telefonou”. Um fotógrafo fotografou-o num ângulo que ele não apreciou.

Calçado com galochas, Costa move-se com facilidade por entre a lama. A sua quinta tem um grande salão repleto de bandeiras do Benfca – o trabalho, a bola, as cartas e o domínio que joga à noite num café no Penedono são os seus únicos assuntos.

“O que é que eu havia de fazer?”, responde quando perguntamos porque ajudou “Palito”.

“As amizades aqui são complexas”, explica um amigo que conheceu ambos na caça. “Os caçadores não querem problemas. Há uma época legal para caçar, armas designadas, mas eles caçam fora de época com armas ilegais e têm medo de ser investigados. Por isso ajudam-se.”

Além disso, faz ver, “ele tem razão: o que é que você faria se lhe aparecesse um homem que tinha matado duas pessoas no dia anterior? Aqui as amizades são de caça, de cartas, do cultivo. Mas tem-se sempre uma descon-fiança”.

António Canela é acusado (por muita gente de ambas as terras) de ter matado o filho de um vizinho que teria, alegadamente, molestado crianças. Certa noite, Canela e um comparsa perseguiram o filho do suposto pedófilo e este fugiu para casa – mas os perseguidores haviam estragado as fechaduras e por mais que o rapaz chamasse pelo pai, este, preso por dentro, não o pôde acudir. Foi morto à paulada à entrada de casa, em Valongo.

Uma sobrinha do alegado pedófilo confirma que Canela e um cúmplice terão matado o seu primo. Na sua versão, contudo, alegado pedófilo e filho viviam num dos muitos barracos hoje vagos na serra (e que “Palito” usou para se abrigar, durante a fuga); o pai estaria dentro do barraco, que foi fechado por fora. Esta versão parece mais coerente do que outras, cujo grau de elaboração deverá ser fruto do tempo.

Noutra história, e segundo rezam várias almas, os dois irmãos Puges raptaram um homem endinheirado, a quem extorquiram as posses e ataram a um cavalo; açoitaram o animal, que ao fugir desmembrou a vítima.

Os dois casos terão ocorrido há mais de 30 ou 40 anos e fornecem um retrato dos amigos chegados de “Palito”. A maior parte dos habitantes de Valongo acusa os Puges de ajudarem “Palito”, enquanto este andou a monte. Em Trevões, ninguém sabe nada.

O terreno dos Puges, que inclui pastagens para os animais, é próximo do cerejal. Era nas manjedouras dos seus animais que um dos Puges deixava diariamente comida para “Palito” – isto segundo os valonguenses.

## “SE EU PUDESSE CONTAVA TUDO. MAS É FAMÍLIA”

Até meados de Junho, nenhum familiar havia visitado “Palito” na prisão, pelo menos a crer na mulher de António, irmão de Manuel Baltazar. Há dias, Filomena, cunhada de “Palito” por casamento com Mário Baltazar, disse-nos: “Não fui nem faço menção de ir visitá-lo.” Agora já menciona directamente a violência de “Palito” ainda durante o casamento.

Tal como a própria Maria Angelina, Filomena está assustada com a possibilidade de “Palito” vir a ser libertado. “Dizem que está a preparar-se para [se fazer passar por] doído” durante o julgamento.

Dizem que António não trocava uma palavra com Manuel e que Mário ainda tentou manter relações com o irmão – até ao incidente com a mulher.

As partilhas não terão deixado os irmãos em pé de igualdade. Mário, além de lidar com os seus pequenos terrenos, tem de trabalhar à

jorna nos terrenos dos outros, no cultivo dos produtos locais mais procurados – a vinha, os olivais, os castanheais, a amêndoa e a maçã.

A primeira vez que o vimos, em Maio, Mário vinha a subir um carreiro, acartando um saco às costas, quando nos viu à conversa com Filomena. Gritou para a mulher: “Tu, vai para casa que já falaste demais.” Depois, ameaçou-nos. Por fim, ofereceu cerveja e vinho.

É um homem baixo e encorpado, de face rósea, com um bigode alourado. Perdeu recentemente um dedo na lavoura e repete várias vezes que “ainda [está] à espera do seguro”, mostrando o dedo em falta: fala mais deste que do irmão.

Está suado do trabalho, com galochas e roupa de trabalho suja, o cabelo empastado do esforço físico e recusa chamar-se Mário, ser irmão de “Palito”, exigindo ser tratado por João – só respondeu quando o tratámos assim. Durante alguns minutos pode ter mentido sobre tudo: “Não sei ler, mas sei estrelar”, diz. (Um antigo colega contesta-o: “Estudei com ele e ele fez pelo menos a 4.ª classe. Todos os irmãos fizeram. O ‘Palito’ até deve ter feito mais.”)

“Eu sou um homem que vive com 450 euros e é a minha mulher que os ganha [no lar de idosos de Trevões]. Sem ela, como é que eu vivia?”, diz Mário. Nas semanas em que ali estive, foi a única vez que ouvi um homem elogiar a mulher. “Eu trago dinheiro, ele traz comida, é assim que fazemos vida”, corrobora Filomena, ainda espedada à porta de casa.

Comem “batatas e azeitonas todos os dias”, que é o que Mário cultivava. “Tirando beber umas minis, que isso bebo, a minha vida é só trabalho”, diz. Mais calmo e já de cerveja na mão explica que “se a [sua] mulher morresse arranjava outra, mas o [seu] irmão não era assim”.

Joaquim, que mora a meio caminho entre os



Filomena, cunhada de “Palito”, foi uma das primeiras testemunhas da violência de Manuel Baltazar sobre a ex-mulher. Aqui, fotografada em Abril de 2014.

Depois do duplo homicídio, “Palito” andou fugido 34 dias em caminhos que contornam Valongo dos Azeites e Trevões

dois irmãos, conta que “Palito” repetia muito uma frase: “Aqui entrou uma mulher; a sair alguma, só morta.” O sr Joaquim só tem uma coisa a dizer sobre o caso: “Tenho ali uma casete com um filme de Entre-Os-Rios, também deviam fazer um filme disto.” Ri-se e oferece tinto e chouriço.

Segundo Carlos, uma pipa de vinho produz 500 litros e “dá benefício de 2 mil euros”. “Benefício” é o termo técnico para o que um produtor recebe pelo vinho que vende como vinho do Porto; Mário tem uma microprodução de vinho na garagem, que inclui lagar e uma pipa semi-industrial. Faz “250 litros por ano”, isto é, meia pipa: mil euros ao ano.

Tem um jipe Nissan que foi topo de gama há anos, remanescente dos dinheiros da emigração na construção civil; mas reclama com

a qualidade do sinal dos quatro canais da TDT. É este o paradoxo em que vivem os habitantes de Trevões: uma cõdea de dinheiro que restou da emigração, a casa construída a pulso e batatas com batatas para o jantar.

Mário, que tem dois filhos emigrados e “um já com contrato!” – dado que repete muito –, aponta para um altar a Nossa Senhora de Fátima erguido numa das paredes de sua casa. “Sou um homem temente a Deus.” “Fui eu que fiz [o altar].” Já quase sem força mas não sem orgulho: “À noite, está sempre ligada.” E de facto à noite lá está a brilhar no escuro.

A última coisa que ouvi deste homem, nessa primeira conversa em que me pareceu um ser ferido, foi: “Se eu pudesse contava tudo, amigo. Mas é família.” Fiquei na dúvida se por família Mário estava a referir-se só a “Palito” ou a incluir Maria Angelina. Segundo fontes familiares, Angelina não era a única a sofrer violência doméstica.

Já separada, Angelina quis ir uns tempos para França; “Palito” ameaçou o transportador e chamou-lhe corno. Os seus actos públicos de agressão aumentaram com a separação e chegou também a apontar uma arma ao filho e agredir a filha.

O que espoleta a espiral de violência, dizem Fernando Almeida, “é a separação do objecto amado – e no caso admirado”: Angelina sair de casa. “Pelos testemunhos, ela estava uns furos acima do que ele pensaria obter. Torna-se o objecto central da sua razão de vida. A partir daí a existência dele só tem sentido com ela. Ou é com ela ou não é com ninguém.”

O homicídio terá então sido o culminar de um processo de desintegração que se iniciou quando a mulher saiu de casa e que levou o filho Rui, que na altura da separação ficou com o pai, a cortar relações com este.

A primeira vez que bati à porta de casa de uma das amigas de Maria Angelina que testemunharam a seu favor no caso contra “Palito”, ela escusou-se a comentar, afirmando ter de “fazer o comer” para o marido. Pela janela, via-se o marido já a jantar – e também se ouvia a mandá-la para dentro.

A segunda amiga disse exactamente o mesmo, mas insistiu:

o seu marido já está a comer. A violência começou cedo?

Ela anuiu com a cabeça.

Era muita?

Anuiu com a cabeça.

Ela evitava contar?

Anuiu com a cabeça.

Porque é que não queria contar?

“Tenho de fazer o jantar para o meu marido.” E a porta fecha-se.

Meses depois do atentado – numa altura em que Angelina, de canadianas, voltara a casa, sendo visitada com regularidade pelos filhos (Sónia andava com uma espécie de corpete a proteger as costas) – um morador em Valongo contou-me: “A Elisa dizia que dava a vida pela sobrinha e deu. Agora você anda aqui a fazer perguntas às mulheres sobre violência doméstica quando a maior parte delas sofre o mesmo. E qual é a lição que este caso lhes dá? Que, se se divorciarem, acabam assim.”

Há dias, voltámos a Trevões e Valongo. Fonte próxima de Angelina disse-nos que “Palito” começou a bater logo ao início do casamento; e que Maria Angelina tentou esconder o facto por vergonha e uma estranha culpa. Mas também porque não valia de nada falar: “As outras mulheres sofrem o mesmo. E em muitos casos os pais [das vítimas] ou não acreditam ou acham que têm de se aguentar.”

A própria Maria Angelina diz-nos apenas: “Não sei ainda o que vai ser a minha vida; mas vou lutar.”





ADRIANO MIRANDA

**Crónica de um crime anunciado: "Palito" está prestes a ser julgado pela morte da tia e mãe da sua ex-mulher. Angelina vive no medo de que ele regresse. Esta história não é só a de Angelina. É a história de muitas mulheres vítimas de violência doméstica**

14







## tema de capa

Texto **Marta Martins Silva** (com José Carlos Marques)

# Filhos da violência doméstica

PERDERAM A MÃE ÀS MÃOS DO PAI. SÃO AS VÍTIMAS OCULTAS DE UM CRIME PÚBLICO QUE CONTINUA A MATAR MUITO EM PORTUGAL

# N

o último desenho de Gabriel vê-se um boneco atrás de uns riscos que parecem grades. No outro dia, a tomar banho, perguntou à avó, com quem ficou a viver desde a tragédia: “Tens saudades da mãe?” E antes de Rosalina ter tempo de responder, a criança continuou: “Eu tenho muitas. Mas desde pequenino sabia dos planos todos dele, ele dizia-me ‘se a tua mãe não voltar para mim nem tu vais escapar!’ Gabriel sobreviveu à tragédia – com marcas que o

acompanharão para sempre – mas a mãe não escapou, vítima de um crime macabro que ocorreu em 2014 na Grande Lisboa e que a cada novo dado choca (ainda mais) a opinião pública. O pai está preso, a aguardar a sentença, motivo pelo qual não colocamos aqui o nome verdadeiro dos intervenientes.

## Vítimas ocultas

São as crianças e adolescentes que sobram, tantas vezes, para contar as histórias de violência doméstica que durante anos a fio presenciaram em silêncio. Estes sobreviventes são as vítimas ocultas de que tantas vezes nos esquecemos. “Existe, por norma, da parte das famílias uma voluntariedade em dar resposta a estas crianças que na

## Violência doméstica passou a ser considerada crime público em 2000

prática ficam órfãs de ambos os pais. No crescimento da criança há uma ambivalência muito grande porque aquele pai de que se gostou é o homicida do outro”, considera Bruno Brito, coordenador da rede de apoio a familiares e amigos das vítimas de homicídio da Ass. Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Nos últimos quatro anos, 131 homens assassinaram as suas mulheres e 15 mulheres mataram os companheiros – 35% dos agressores suicidaram-se na sequência do crime e 65% foram detidos e condenados a penas de prisão. Estas 146 mortes deixaram para trás 220 órfãos, no sentido real ou metafórico. “Tem custos sociais imensos. A aposta devia ser na prevenção. Um agressor ►









## tema de capa

► Ou uma vítima não acordam um dia e dizem: hoje sou a vítima e tu és o agressor. Há muitos sinais”, alerta Elisabete Brasil, da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) – que começou a compilar dados sobre filhos de vítimas de violência doméstica – que considera que poderia ser útil a criação de um estatuto próprio para estes órfãos. “Até porque não conseguimos ter uma ideia global sobre como atravessam esta fase” – lamenta.

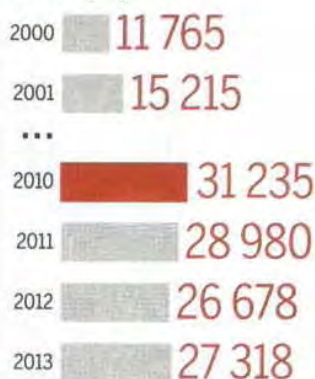
Gabriel, que está a ser apoiado pela APAV e pelo Instituto de Apoio à Criança, esteve meses sem conseguir ir à escola. “Depois da morte da mãe era como um ratinho metido na toca. Se alguém vinha aqui a casa, ele isolava-se, comia no quarto, tapava a cabeça, queria esconder-se de tudo e todos”, conta a avó, na casa dos sessenta anos. Aos poucos, Gabriel voltou a interagir, a sorrir até. “Desde que voltou à escola começou a verbalizar os sentimentos. No início, quando falava era para comentar as maluqueiras do pai, as coisas negativas de que se lembrava, que o pai chutava, que o pai batia. Agora fala muito da mãe. Vai buscar uma fotografia da mãe, senta-se no sofá e fica a olhar para ela. Eu começo a chorar e ele diz: ‘Não chores, vó! Ele é muito adulto na forma como se expressa. Quando eu lhe dei a notícia, disse: ‘O coração da mãe parou’ e ele olhou para mim e disse: ‘parou?’ Eu disse: ‘A mãe não está mais cá, a mãe foi para o céu! Ele calou-se, não disse mais nada, mas quando voltou para casa disse: ‘O coração da mãe não parou. Foi o pai que a matou!’”

“Não é comum uma criança de seis anos ter o discurso que esta criança demonstra”, refere o coordenador da rede de apoio às vítimas de homicídio, que conhece Gabriel. “Temos casos de crianças que retomam a vida normal e só um ano mais tarde é que

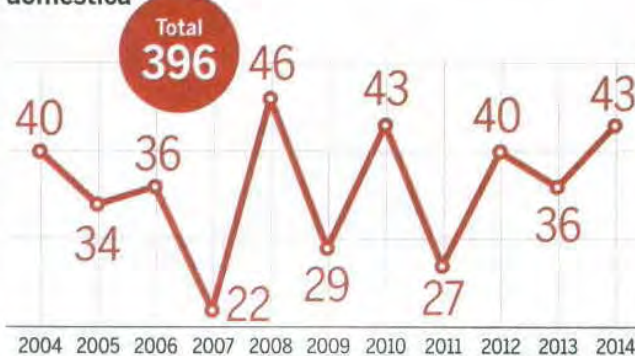
## Violência doméstica



### Participações



### Mulheres mortas em contexto de violência doméstica



Fonte: MAI/UMAR

“Depois da morte da mãe era como um ratinho metido na toca, isolava-se, comia no quarto”

“Agora, fala muito da mãe. Vai buscar uma fotografia e senta-se no sofá, a olhar para ela”

**Rosalina**  
avó de Gabriel

“Há crianças que retomam a vida normal e só um ano depois conseguem falar do crime”

**Bruno Brito**  
APAV







conseguem falar do crime, ficam bloqueadas. Muitas vezes porque pensam que a culpa do que aconteceu é delas."

#### Educadores exemplares

"Temos de tentar fazer com que os adultos que ficam a ser os protetores e cuidadores, sejam familiares ou instituições, tenham um comportamento de educadores exemplares, mostrando que o que aconteceu com o pai ou com a mãe foi um processo de loucura, de doença mental, uma situação que só acontece quando uma pessoa está muito perturbada e geralmente é muito infeliz, e que não é o normal entre as pessoas de bem. É fundamental que os educadores continuem a dar à criança ou ao jovem relações de qualidade, que permitam à criança entrar no reino da confiança e não da desconfiança e do ressentimento, o que não é fácil porque as próprias famílias entram em oscilações de sentimentos", considera a pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, que já interveio em casos semelhantes. "Tive uma situação dessas em que o pai veio de um país estrangeiro, foi a casa e matou a mãe com o bebé na cama. Foi-se entregar à polícia e o bebé de meses foi entregue aos avós. Fiz uma peritagem a esta criança e dei indicações à família de que se quisessem continuar com guerras iam repetir o que aquele pai fez àquela mãe e o caminho não era por aí."

Mas o caminho não é fácil. Patrícia tinha dois anos quando assistiu ao crime. Sentada na cadeirinha instalada no carro da mãe, viu o pai aproximar-se por trás dela e cortar-lhe a garganta com uma faca. Os pais estavam separados, depois de anos de agressões. Ele vivia em Lisboa, ela na Covilhã com a filha, onde procurara entre familiares um abrigo onde pudesse estar a salvo. Naquela tarde de outono de 2005, ►

**"Nestas situações, os adultos que ficam a ser os cuidadores têm de ser exemplares"**

**"Tive uma situação destas, em que o pai matou a mãe com o bebé a dormir na cama"**

**Ana Vasconcelos**  
pedopsiquiatra

**Patrícia tinha apenas dois anos quando assistiu a um crime macabro: viu o pai degolar a mãe**

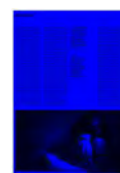
**"Ele [o pai] já procurou com que a menina o visse na prisão, mas ela não tem essa vontade"**

**Rui**  
tio de Patrícia

**"Percebem o poder do agressor, por isso o risco de se tornarem agressoras é maior"**

**Ana Sani**  
investigadora





## tema de capa

► Patrícia perdeu os dois pais. A mãe morreu, o pai foi preso. Nunca mais o viu. “A sorte é que ela era muito pequena. Viu o que o pai fez mas não entendeu bem o que se passou”, conta à ‘Domingo’ o avô de Patrícia (nome fictício).

A menina vive hoje com o tio, irmão da mãe, que vive numa casa contígua à do avô da menina, no concelho do Fundão. Também ali vivia a mãe, numa outra casa. “Morávamos todos lado a lado, a Patrícia conhece a nossa casa desde que nasceu”, conta o tio. Essa proximidade ajudou a superar a ausência da mãe. “É uma menina feliz”, garante o tio, que assumiu com a mulher a responsabilidade de criar Patrícia quando esta era ainda bebé. Patrícia tem hoje 12 anos. Recebe do Estado uma pensão de 200 euros que o tio guarda numa conta a que terá acesso mais tarde. Patrícia nunca quis ver o pai. “Ela sabe o que aconteceu, sabe que o pai matou a mãe. Ele já procurou através do tribunal fazer com que ela o visite na

prisão, mas a menina nunca teve essa vontade. Preocupa-me o que acontecerá quando ele sair da prisão”, conta o tio.

Nos primeiros tempos, Patrícia foi acompanhada por um pedopsiquiatra pago pelo Estado. Tanto o tio como o avô garantem que é uma criança normal, dizem até que é uma criança feliz. Do lado da família do pai, Patrícia só tem contacto com uma irmã do pai, que é a sua madrinha de batismo. “Telefona-lhe sempre nos aniversários, e vem cá vê-la uma vez por ano. Ela não tem culpa de o irmão ser um assassino”, conta Rui (nome fictício), o tio de Patrícia. O avô guardou os recortes de jornais da época, que relatam a monstruosidade do crime que lhe levou a filha aos 38 anos. “Um dia, quando ela for mais velha, se quiser mostro-lhe tudo. Ela sabe o que aconteceu, mas se quiser saber melhor eu mostro-lhe as notícias.”

Ana Sani, investigadora da Universidade Fernando Pessoa, estuda os efeitos da vio-

**“É importante nunca forçar uma criança a ter contacto com o pai agressor se não for esse o seu desejo”**

**Ana Sani**  
investigadora

**“O pai escreveu-lhe uma carta da prisão e ela [a filha mais velha] rasgou-a, não quis”**

**Lázaro Ferreira**  
advogado da família de ‘Catarina’

lência doméstica há dez anos, diz: “As crianças que são expostas a estas situações desde muito novas tendem a aceitar estes comportamentos desviantes como normais. Percebem o poder que a violência confere ao agressor numa relação e por isso o risco de que eles próprios se tornem agressores mais tarde é muito maior.”

A culpa é outro estigma difícil de romper. “Porque se a discussão entre os pais nasceu de alguma asneira que o filho tenha feito ou das más notas que teve na escola, ele sentir-se-á responsável pelas consequências dessa discussão. Quando as situações são mais graves e resultam na separação dos pais, é frequente haver uma rejeição do agressor. A ausência do agressor é entendida como um alívio. Por isso é importante nunca forçar uma criança a ter contacto com ele se não for esse o seu desejo. Pode ser muito traumatizante.” Ana Sani ainda explica um dos aspetos que deveria



NOS ÚLTIMOS ANOS, 220 CRIANÇAS FICARAM ‘ÓRFÃS’ DEVIDO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA





ser melhorado: “Nem sempre as crianças são ouvidas nos processos judiciais. É importante que o façam, que a sua voz seja ouvida em tribunal.”

#### Carta rasgada

‘Catarina’ tinha sete anos quando foi ouvida, na sequência da morte da mãe às mãos do pai, um caso que em novembro de 2008 chocou a cidade da Guarda. Sandra, então com 30 anos, foi morta com 17 facadas. “Percebi que ela tinha alguma coisa a dizer. Ela até aí não tinha dito uma palavra, mas quando se sentou em frente à juíza contou tudo, com todos os pormenores. Disse que viu a mãe ser morta pelo pai, que ouviu os gemidos, porque estava acordada”, recorda Lázaro Ferreira, advogado da família. ‘Catarina’ e a irmã foram entregues aos avós, que vivem numa aldeia transmontana e que têm desde então a missão de as criar e educar. “O pai escreveu-lhe uma carta da prisão e ela rasgou-a. A juíza perguntou-lhe porquê e ela disse que nem podia ver o nome dele. Aliás, já foi ao padre pedir para mudar de nome e arranjar outros padrinhos.” A raiva da criança estendeu-se também ao avô paterno, o elo que tinha com o pai assassino. “Disse que não visitava o avô porque se o pai matou a mãe foi porque a educação que o avô deu ao pai não foi a melhor.”

Um crime de sangue não retira automaticamente os direitos parentais a quem matou. Nem mesmo a quem matou a mãe da criança. A ‘Domingo’ ouviu a história de um homem de Mirandela que matou a mulher à facada. Muitas facadas. Conta quem conhece a família que o homem saiu da prisão mais cedo do que estava previsto. Tinha bom comportamento. O filho do casal foi entregue à família paterna. Hoje, o rapaz está com o pai. Saberá ele que vive com o assassino da mãe? ☉



A SAÍDA DO PAI HOMICIDA DA PRISÃO REPRESENTA NOVO PROBLEMA



DESENHOS DE GABRIEL, SEIS ANOS

CRESTA JOHNSON/ISTOCKPHOTO

MARILINE ALVES





# PERSONALIDADES MASCULINAS 2014

PATROCINADOR  
OFICIAL



A LUX DECIDIU, À SEMELHANÇA DOS ANOS ANTERIORES, DAR AOS LEITORES A OPORTUNIDADE DE ELEGEREM 13 PERSONALIDADES MASCULINAS QUE SE DESTACARAM EM 2014, EM 13 ÁREAS DIVERSAS.

PARA ISSO, FOI ESCOLHIDO UM JÚRI INDEPENDENTE E IDÓNEO QUE SELECIONOU TRÊS HOMENS EM CADA UMA DAS CATEGORIAS. A SUA PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA UMA ELEIÇÃO JUSTA.

APOIOS



**Samsonite**



**LIERAC**  
HOMME  
PARIS



PERSONALIDADES  
MASCULINAS  
2014

## O JÚRI

Foi durante um almoço no restaurante Il Gattopardo, no Hotel D. Pedro, em Lisboa, que o júri – da esquerda para a

direita, Paulo Junqueiro, presidente da Sony Music Portugal, Gabriela Canavilhas, pianista e deputada, Virgílio Castelo, ator, Nicolau Breyner, ator e realizador, Paulo Camacho, sócio-fundador da Até ao Fim

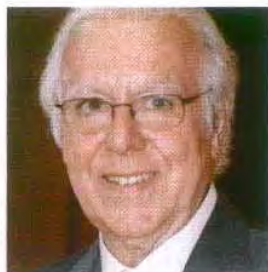
do Mundo, Luís Norton de Matos, treinador de futebol, e Helena Sacadura Cabral, escritora – debateu, selecionou e nomeou 39 homens, três em cada uma das 13 áreas, que se destacaram ao longo de 2014.

Paralelamente, o site Lux.pt será o meio exclusivo de apresentação dos nomeados e da votação na categoria Mais Sexy. Os vencedores desta área serão anunciados, posteriormente, na revista e no site.

**Resultará apenas um vencedor por cada categoria em apreciação e essa votação será feita pelos leitores, via telefone ou através do site Lux.pt. A cada nomeado corresponde um número de 1 a 39. Para votar na personalidade que quer eleger, ligue 760 108 001 e siga as instruções da operadora. Custo de participação: €0,60 (mais IVA). No site da Lux: vá a Lux.pt e siga as instruções. A votação decorrerá entre os dias 17 de fevereiro e 2 de março de 2015 (até às 18h).**

**As personalidades vencedoras serão conhecidas no dia 11 de março, na edição n.º 776 da revista Lux e em Lux.pt.**

## —MÚSICA—

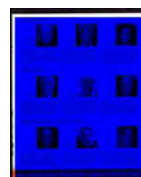
CARLOS  
DO CARMO  
LUX 01D.A.M.A.  
LUX 02XUTOS &  
PONTAPÉS  
LUX 03

É o primeiro português a receber um Grammy. O fadista, de 76 anos, conquistou o prémio Lifetime Achievement e celebrou em 2014 50 anos de carreira. A cerimónia teve lugar em Las Vegas, onde aproveitou para se casar de novo com a mulher e amiga, Judite.

Foram um dos grandes fenómenos do meio musical português em 2014. O lançamento do disco "Uma Questão de Princípio" mostrou que esta banda jovem entrou na música para ficar, conquistando o público com a sua mensagem positiva e descontraída.

Mesmo os mais críticos lhes tiram o chapéu. Afinal, trata-se da maior banda de rock portuguesa, e celebrou no ano passado 35 anos de carreira. A data foi assinalada com o lançamento de um CD e de um DVD e ainda com um espetáculo memorável no Meo Arena.



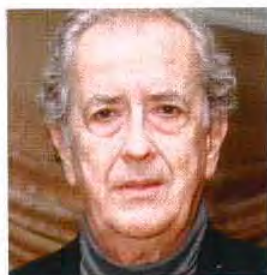


ID: 57977368

23-02-2015

## —CINEMA—

ANTÔNIO-  
PEDRO  
VASCONCELOS  
LUX 04



A sua mais recente longa-metragem, "Os Gatos Não Têm Vertigens" (a história da amizade entre uma viúva de 73 anos e um jovem de 18), conquistou a crítica e o público, assumindo-se como uma lufada de ar fresco na sétima arte em português.

JOÃO  
BOTELHO  
LUX 05



Em 2014 surpreendeu com o filme "Os Maias", baseado na obra de Eça de Queirós, um dos maiores clássicos da literatura portuguesa, que, até então, nunca tinha sido adaptado ao cinema. João Botelho arriscou e o filme foi muito bem recebido pelo público.

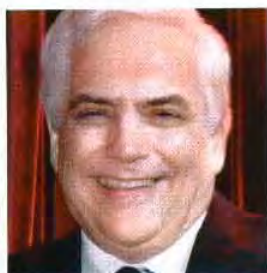
JOÃO  
JESUS  
LUX 06



Já tinha participado noutras produções nacionais, mas foi com a sua interpretação no filme "Os Gatos Não Têm Vertigens" que mostrou ser uma grande revelação no mundo da representação. Tem 24 anos e é já uma promessa da ficção nacional.

## —TEATRO—

FILIPE  
LA FÉRIA  
LUX 07



É o encenador e produtor português que consegue encher salas de espetáculos e de teatro de revista meses a fio. "Portugal à Gargalhada" foi mais um grande sucesso que estreou em 2014 no Teatro Politeama, bem como a peça infantil "O Príncipezinho".

JOÃO  
BRITES  
LUX 08



É um dos fundadores do grupo de teatro O Bando, que celebrou 40 anos de atividade. Para assinalar a ocasião, encenou a peça "Quarentena", um espetáculo com 24 atores e 16 músicos – 40 personagens que interpretam as palavras de 40 escritores.

JOSÉ PEDRO  
GOMES  
LUX 09



"Estamos Todos?" estreou no ano passado no Auditório dos Oceanos, em Lisboa, e é a prova de que este é um dos atores mais versáteis do nosso país, já que na peça se desdobra em oito personagens. Mais um grande trabalho que junta a um vasto e nobre currículo.

## —TELEVISÃO (FICÇÃO)—

IVO  
CANELAS  
LUX 10



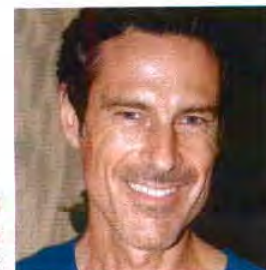
É, há muito, um ator consagrado no panorama nacional. Entretanto, voltou a tentar a sua sorte em Nova Iorque, tendo ficado algum tempo longe dos ecrãs nacionais. Regressou para a produção "Os Filhos do Rock", mostrando que continua a ser um dos mais talentosos.

MIGUEL  
GUILHERME  
LUX 11



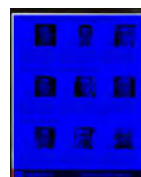
Em 2014, fez parte do inovador programa "Melhor do que Falecer", ao lado de Ricardo Araújo Pereira. Nesse projeto mostrou por que é considerado um dos atores mais talentosos, requisitados e elogiados, tais são a sua versatilidade e o seu timing para a comédia.

PAULO  
PIRES  
LUX 12



Depois de anos com papéis de galã, surpreendeu na telenovela "Belmonte", da TVI, no papel de padre Artur. Tem procurado diversificar as suas interpretações e tem participado em produções internacionais, como a série russa "Mata Hari", sobre a vida da famosa espiã.





ID: 57977368

23-02-2015

## —TELEVISÃO (ENTRETENIMENTO)—

HERMAN  
JOSÉ  
LUX 13



JOÃO  
BALÃO  
LUX 14



MANUEL  
LUÍS  
GOUCHA  
LUX 15



2014 foi para ele um ano de mudança, com a sua entrada no *day time* televisivo. No programa "Há Tarde", da RTP, usa não só os seus conhecidos dotes de apresentador e conversador, como surpreende constantemente com humor e espontaneidade.

Em 2014, regressou à SIC e abraçou vários desafios, pondo à prova a sua versatilidade. Na apresentação, conduziu os programas "Sabadabadão" e "Portugal em Festa", e ainda o diário "Grande Tarde". Além disso, integra o elenco de "Mar Salgado".

Nome de referência na televisão em Portugal, continua a liderar as manhãs, no programa "Você na TV". Em 2014, apresentou também o concurso culinário "Masterchef Portugal" e o programa de talentos "A Tua Cara Não Me é Estranha Kids", sempre na TVI.

## —TELEVISÃO (INFORMAÇÃO)—

ANSELMO  
CRESPINO  
LUX 16



JOSÉ ALBERTO  
CARVALHO  
LUX 17



PAULO  
MAGALHÃES  
LUX 18



Faz as perguntas certas, muitas vezes com atrevimento e sempre com segurança em relação ao tema em questão. Jornalista da SIC desde 2002, trata sobretudo temas políticos. O seu trabalho ganhou mais exposição com o novo formato do "Jornal de Domingo".

Foi considerado pelo júri, por unanimidade, o melhor *pivot* de televisão. Enquanto diretor de informação da TVI, conquistou a liderança para o canal, enfrentando períodos particularmente difíceis na redação durante o ano 2014.

O seu estilo sóbrio e credível estende-se às notícias que apresenta e aos debates que modera. Na TVI24, é a cara do programa "Política Mesmo", que aborda políticas e políticos que marcam a atualidade.

## —LITERATURA—

JOSÉ LUÍS  
PEIXOTO  
LUX 19



PEDRO  
CHAGAS  
FREITAS  
LUX 20



VALTER  
HUGO MÃE  
LUX 21



No ano em que fez 40 anos, quis homenagear a sua terra natal e os seus habitantes. "Galveias" é um romance sobre a ruralidade portuguesa no local onde o escritor nasceu, cresceu e se fez homem. É um dos autores lusos mais traduzidos no mundo.

"Prometo Falhar" já vai na 21.ª edição e mantém-se há vários meses nos *tops* dos livros mais vendidos no País. Jornalista, redator publicitário e guionista, quis falar sobre o amor num estilo intimista e transformou-se, em 2014, num caso sério de sucesso.

"O Paraíso São os Outros" inicia uma coleção de literatura infantojuvenil. O livro, também editado no Brasil, é a visão de uma menina sobre o amor, fruto da sua observação da interação de casais. Aos 43 anos, é um dos autores nacionais mais aclamados.





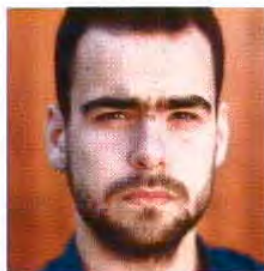
## —ARTES PLÁSTICAS—

ALEXANDRE  
FARTO  
(VHILS)  
LUX 22



A Forbes incluiu-o na lista de 30 artistas de sucesso mundial com menos de 30 anos. Além de ter o seu trabalho espalhado em 50 cidades por todo o mundo, abriu uma galeria de arte em Lisboa. Em 2014 criou ainda um videoclip para os U2.

MÁRIO  
CRUZ  
LUX 23



Aos 27 anos, viu o seu trabalho fotográfico "Roofs", que retrata a pobreza em Portugal, ser publicado no The New York Times. O desafio resume-se a "documentar a vida de pessoas que não tiveram outra solução a não ser encontrar um teto que não era o seu".

MIGUEL  
CÂNCIO  
MARTINS  
LUX 24



Em 2014, trabalhou com a Corticeira Amorim no projeto de design Casa Lisboa, mas os seus trabalhos continuam a ser mais conhecidos lá fora. Há anos que os seus projetos de arquitetura de interiores dão brilho a espaços em França e no Canadá, entre outros.

## —MODA—

FERNANDO  
CABRAL  
LUX 25



Nascido na Guiné-Bissau mas a viver em Portugal desde os 5 anos, é a única referência portuguesa no ranking de modelos masculinos do Models.com. Já desfilou para marcas como Louis Vuitton e Hugo Boss, e já fotografou ao lado de Kate Moss.

MIGUEL  
VIEIRA  
LUX 26



É hoje um dos mais conceituados designers portugueses. Além de roupa e sapatos, criou coleções de malas, joalharia... As suas linhas foram apresentadas nas principais capitais mundiais da moda e nas edições do Portugal Fashion e da ModaLisboa.

STORYTAILORS  
LUX 27



A dupla Luís Sanchez e João Branco criou a Storytailors em 2001, desde então uma referência na moda em Portugal. Além de criadores de tendências, desenvolvem também figurinos para espetáculos. Em 2014, apresentaram as coleções no Portugal Fashion.

## —DESPORTO—

CRISTIANO  
RONALDO  
LUX 28



Em 60 jogos, Cristiano Ronaldo marcou 61 golos. Conquistou ainda quatro títulos ao serviço do Real Madrid. Números que justificam a sua eleição de Melhor Jogador do Mundo em 2014, e a conquista da sua terceira Bola de Ouro.

MARCOS  
FREITAS  
LUX 29



Começou a jogar ténis de mesa aos 7 anos. Em 2014 sagrou-se campeão europeu, pela segunda vez. Em setembro ajudou Portugal a conquistar o título europeu por equipas. E tornou-se o primeiro mesa-tenista português a entrar no Top 10 da Federação Internacional.

VASCO  
RIBEIRO  
LUX 30

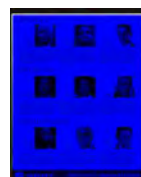


Em outubro, o surfista de Cascais conquistou o título mundial de juniores, na Ericeira. Com apenas 19 anos, fez História no surf nacional: juntou o título mundial júnior ao título europeu júnior e ainda ao título nacional absoluto, além de ter entrado no Top 50 mundial.

Renting €339/mês e com zero preocupações\*

\*Toda a informação em seat.pt.





ID: 57977368

23-02-2015

## —POLÍTICA—

ANTÓNIO  
COSTA  
LUX 31



Em 2014, o ainda presidente da Câmara Municipal de Lisboa mostrou ser um político estratega e astuto ao conquistar a liderança do PS. Nas primárias, derrotou António José Seguro e é hoje candidato a primeiro-ministro para as legislativas deste ano.

PAULO  
MACEDO  
LUX 32



É dos ministros mais controversos do atual Executivo. Ainda assim, tem mantido pulso firme na gestão da saúde nacional e em muitas das medidas que vai anunciando, como a renegociação dos contratos com as farmácias e o apertado controle da despesa.

RUI  
MOREIRA  
LUX 33



O destaque que teve ao conquistar a Câmara Municipal do Porto como independente mantém-se até hoje. Em 2014, a Invicta recuperou o título de Melhor Destino Europeu e, no ano passado, a autarquia reduziu custos e endividamento em relação ao ano anterior.

## —NEGÓCIOS—

JOSÉ  
AGOSTINHO  
LUX 34



A empresa TomiWorld criou um sistema patenteado de *outdoors* interativos, que, através do uso de *smartphones*, disponibiliza informações culturais, de itinerários e notífcias, entre outras, aos turistas. Já há 34 espalhados pelas estações de metro de Lisboa.

JOSÉ  
AVILLEZ  
LUX 35



Tornou-se o primeiro português a conquistar duas estrelas Michelin, tendo a segunda sido atribuída em 2014. Além disso, abriu novos restaurantes. Depois do Belcanto, do Cantinho, da Pizzaria Lisboa e do Café Lisboa, abriu o Minibar e expandiu-se para o Porto.

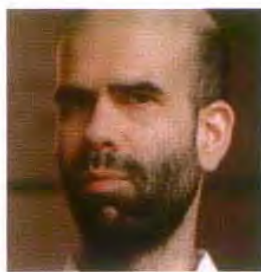
LUÍS  
ONOFRE  
LUX 36



2014 começou da melhor forma para o *designer*, com a abertura da sua loja na Av. da Liberdade, em Lisboa, a zona mais procurada pelas marcas de luxo. O seu crescimento acompanha o do calçado português, que conquista cada vez mais terreno lá fora.

## —SOLIDARIEDADE—

ALFREDO  
FIGUEIREDO  
COSTA  
LUX 37



Responsável pela WelcomeHome Tours – Rota da Mudança, um projeto de ação social que promove o apoio, a formação e a empregabilidade de cidadãos em situação de sem-abrigo, nomeadamente através de cursos que os tornam guias turísticos.

JOÃO  
LÁZARO  
LUX 38



Presidente da APAV, instituição que apoia as vítimas de crime, suas famílias e amigos. Em 2014, foram lançadas várias e impressionantes campanhas contra a violência doméstica, o tráfico de seres humanos, a exploração laboral e o *bullying*, entre outras.

JOSÉ  
JOAQUIM  
OLIVEIRA  
LUX 39



Presidente da Make-a-Wish Portugal, instituição que tem por missão realizar desejos de crianças e jovens com doenças graves, progressivas, degenerativas ou malignas, proporcionando-lhes um momento de alegria e esperança. Ao todo, já realizou mais de 460 desejos.



## APAV reconhece e agradece parceria com CMPD

O líder nacional da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), João Lázaro, reuniu com o presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (CMPD) e com a vereadora da Ação Social, Fátima Rego Ponte, a quem entregou um certificado de parceria à autarquia.

Este certificado, segundo nota de imprensa, serviu para reconhecer e agradecer a parceria da Câmara Municipal de Ponta Delgada pelo apoio às vítimas de crime e de violência, seus familiares e amigos, contribuindo, deste modo, para a promoção dos direitos humanos e o desenvolvimento social. ♦ PF

---